

COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — SETEMBRO 1973 — N.º 6



TEMPO DE SAUDADE

Uma figura bem conhecida de todos os «COMANDOS» surge «Saudade de hoje» apenas para lembrar que, quaisquer que sejam os acas desagradáveis da nossa luta, não há nada que nos faça esmorecer ou deixar de empunhar guiões de Companhias que continuamos a formar na febril actividade que a todos nos caracteriza.

No caso vertente, um dos Oficiais mais condecorados que tem tomado a responsabilidade de comandar uma Companhia que também já deu o seu quinhão: a 31.ª C. CMDS.





FOI LINDO O DORMIR DA NOITE..

Todas as pessoas em todo o Mundo deveriam ter seu lugar num jardim público para poderem, em cima dum banco, banquinho ou escadote, falar abertamente às gentes sob o perdão do diálogo, sentindo agitar-se o coração, unir-se as boas vontades, discutirem-se os argumenos, analisarem-se as doutrinas.

Seria diálogo franco, aberto, patético por vezes mas as pessoas sentem necessidade de ouvir e falar. Ao ar ficariam frases que a voz do vento levaria para longe e... a voz do vento fala mais forte do que o homem, ultrapassando as fronteiras do tempo e da distância.

«A liberdade é algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, ou como a semente do trigo e a sua morada será sempre o coração do homem».

Por isso se me deixassem eu levaria um banco para a parada de Belo Horizonte e diria:

«COMANDOS», corações ouro em peitos de ferro, flexíveis, vitoriosos sobre a exigência dos odiosos-chefes-camaradas «homens de camisolas brancas».

«COMANDOS», formados dia a dia nos grãos de areia de Belo Horizonte, fruto de um esforço triunfante que o tempo e as pessoas pedem.

Gente que molda gente, admitindo-os, estruturando-os, deixando-os nas zonas vastas frontíssimas a agir a pensar, sentir e vencer.

Reduzir é integrar, escolher, amachucar o fútil e enaltecer o útil.

Belo Horizonte é fábrica enérgica de «brigadas especiais» onde vozes e mentes se solidarizam na preparação sem tréguas, com sistemas evoluídos, ritmados, para êxito da engrenagem posta em movimento, um por um, solidificando um estilo.

O estilo «Comando».

Das equipas «Comando».

— O —

À minha chegada seguiu-se apenas o tempo necessário para cumprimentos devidos. Desloquei-me imediatamente para a «zona vermelha e quente». Embora levasse do Centro a mais perfeita preparação teórica, na prática gelei um pouco frente à enfermaria onde melodia desafinada e a muitas vozes, deixava «nó na garganta».

Seringas e troncos, pedras e chão. Serviam de apoio aos corpos vencidos vivendo miragens das cascatas cantantes.

Vi.

Ouvi.

Gravei. Gravei o delírio do Cristóvão, soube da preocupação, da falta de graxa nas botas...

Dei água (às escondidas. Perdão...) a lábios-chaga que eram mais chaga que lábios...

Ouvi os gritos roucos do Mário com estômago-espasmo e subconsciente livre...

Um no meio de tantos e como tantos, entre lágrimas e sujidade, desmaiado parecia sorrir aos comprimidos de sal...

Palma, do «G-1» cai que não cai (e não caiu) tal era a força grandiosa do seu QUERER. De ouro foram seus passos-tanque, pesados como o Mundo, cambaleantes como giestas.

Robles, insatisfeito, exigente, um dois flexão à esquerda, flexão à direita, levanta, abaixa... vamos lá aguentar a arma rotação insistir vamos lá meus senhores, outra vez, um dois, três quatro...

Nunca uma camioneta serviu tão bem de ginásio...

João Pedro, «gozava»... já desistiu já, AH! mas quer ser COMANDOS!?... em que encarnação «nosso alferes»? Só me sai disto...

Médico-gente mais gente que médico duro, tal como a situação, que dava tudo... não dando nada...

A noite ficara já mesmo noite. A escuridão e humidade invadiam acampamento e corpos. Nem sequer a goma do meu camuflado me protegia um pouquinho mais tendo em conta que era «maçarica»!!!

O Oficial da «Psico» que me acompanhava não passou despercebido pelo mais ligeiro pormenor. Fiquei a conhecer metro por metro, táctica por táctica. Sabia ter assistido a fim de dia infernal e necessitava arranjar forças para o amanhã que prometia...

Não fosse a saborosa E-3-fiz umas trocas «bestiais» dobradinha por pasta de fígado, feijão por salada de frutas — e depois o café — água quentinho em copos «vidro-alumínio» (obrigada meu Comandante) eu diria que tinha sido um dia dos diabos...

O acampamento era silêncio, os físicos estavam vencidos, os espíritos confusos. Do alto da minha camioneta — cama pensava que em cidades — guerras haveria de existir edital, estatuto, lei que obrigasse todo o cidadão a sentir o respirar da guerra. Na guerra haveria mais paz.

A gente seria mais gente. Mais humana.

Fiquei com uma noite inteira para aprender a escutar a voz da noite!

Foi lindo o dormir da noite...

MARIA

P. S. — Depois conto-te.

VENDEM-SE BUNGALOWS

compre e pague em 4 anos



E 'OFERECE-SE O MAIOR COMPLEXO TURÍSTICO PORTUGUÊS!



CONTACTE 22119

AUTODEL

Av. da Restauração, 97, 4100-1, P. Alegre, Lisboa

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 e 63

Caixa Postal, 369
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE

Estrada da Conduta (junto aos restau-
rantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO")

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

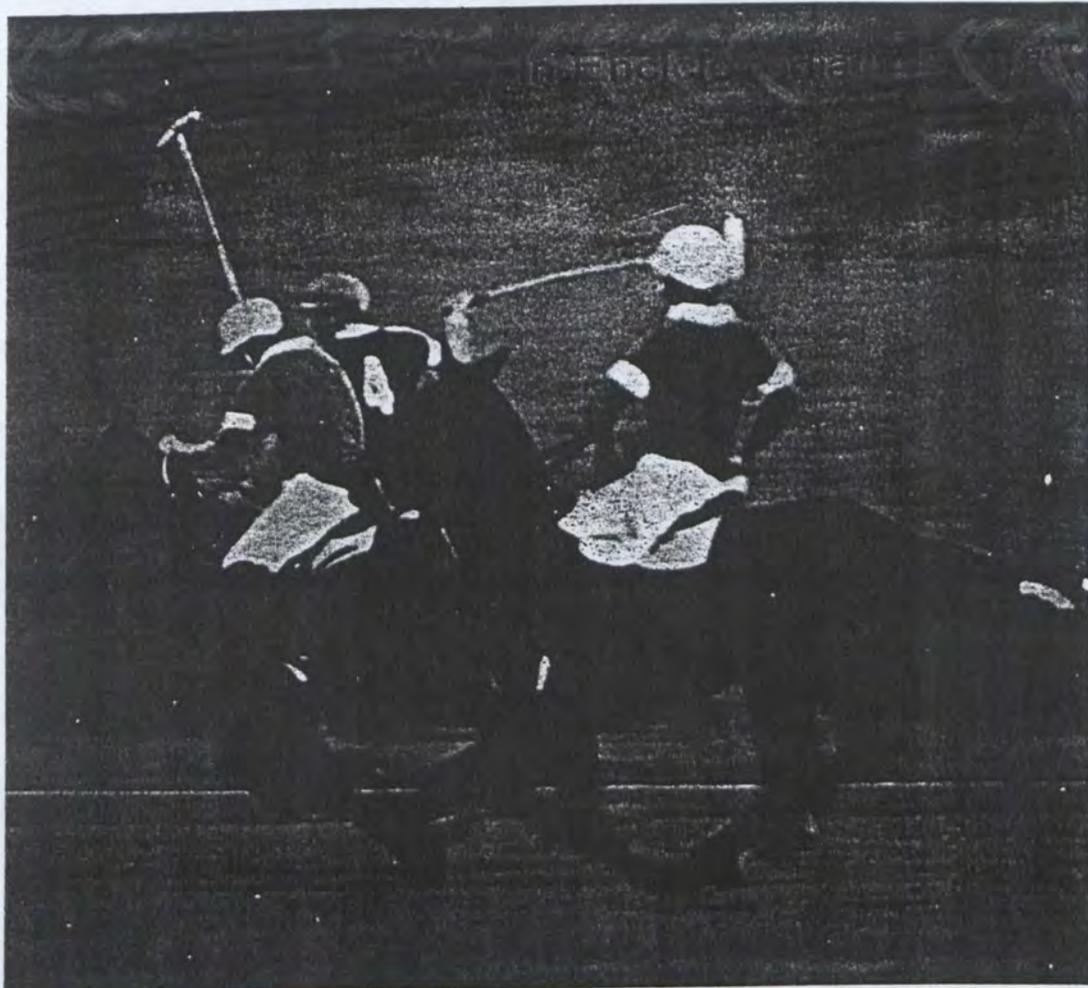
Hipismo

Desenhos, esculturas, tapeçarias e pinturas de todos os séculos e civilizações retratam cavaleiros e cavalos (a mais antiga peça conhecida, nesse sentido, é uma tábua hitita, datada de cerca de 1400 a.C.). Isso significa que a destreza em montar e cavalgar sempre foi muito importante, tanto entre chineses e hindus, como entre japoneses, egípcios, persas, assírios e babilônios, decidindo mesmo dezenas de batalhas entre esses povos. A habilidade dos cavaleiros e o exato conhecimento da equitação chegaram até a motivar, em 400 a.C., o grego Xenofonte*, autor de *Montaria e Direção dos Cavalos*, cujas idéias sobre a maneira de montar e de tratar cavalos continuam sendo válidas. Através de seu depoimento, sabe-se que os gregos montavam sem selas e que os persas "colocavam mais cobertas sobre os cavalos que sobre o leito"

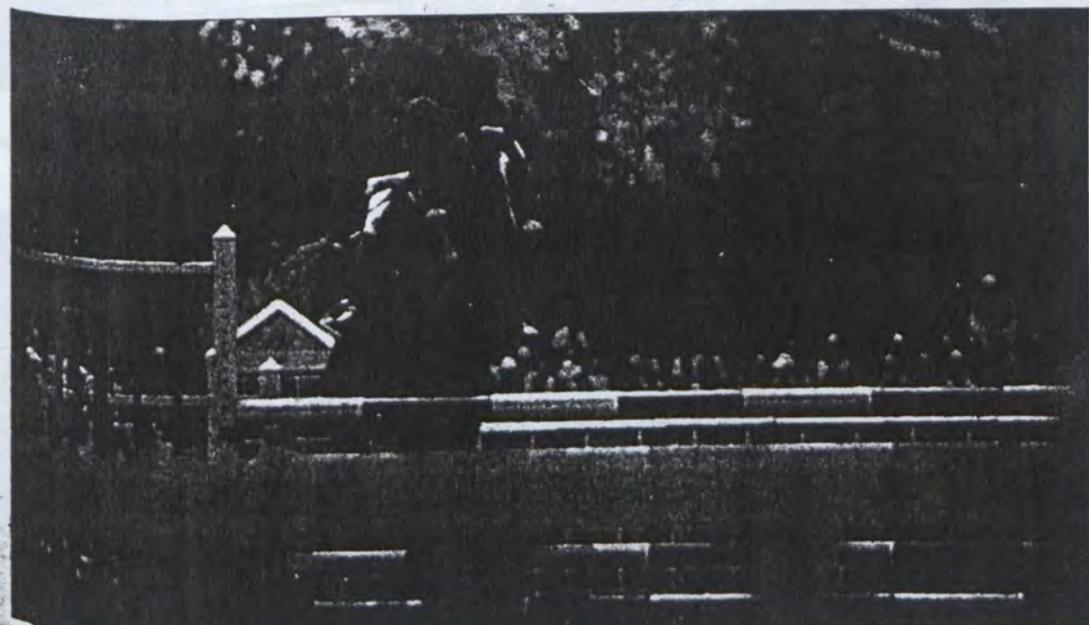
A justa e o torneio

Mas foi somente com o Império Bizantino* que surgiram as primeiras escolas de equitação, onde se formavam escudeiros para o Circo Equestre de Bizâncio. Alguns deles, em 1134, transferiram-se para Nápoles, onde seus conhecimentos foram assimilados. Foi ali que, no século XV (período áureo de justas e torneios entre cavaleiros), surgiu a mais famosa escola de equitação da época feudal.

A justa e o torneio eram as principais competições de cavalaria* da época, e, nêles, nobres e profissionais pagos pelos senhores feudais digladiavam-se, colocando às vezes a própria honra em jogo. A justa era disputada por dois cavaleiros, protegidos por pesadas armaduras e escudos. Empunhando lanças de ferro, arremetiam uns contra os outros, com a finalidade de desmontar o adversário. Foi num desses violentos



Esportes em que participam equipes, como o pólo, exigem cavaleiros hábeis e animais altamente adestrados.



Para um salto perfeito é preciso que haja total sincronização entre os movimentos do cavalo e do cavaleiro.

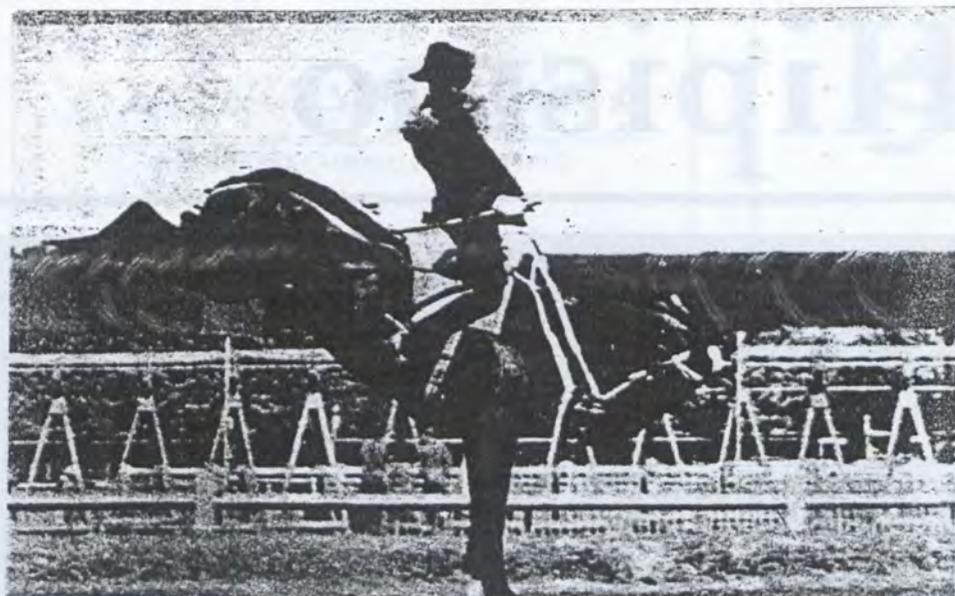
choques, em 1559, que o Rei Henrique II, da França, perdeu um olho (e morreu dez dias depois).

França e Itália eram, no século XVI, os países onde o hipismo estava consagrado como verdadeira arte. Atribui-se ao italiano Giovanni Battista Pignatelli os mais importantes ensinamentos sobre equitação aos nobres europeus do período. Um dos alunos — Antoine Pluvenil — introduziu seus métodos na França.

"Derby", "sweepstake"

A primeira corrida de cavalos de que se tem notícia data, de 1465. Prestigiada pelo Papa Paulo II (1417-1471), essa disputa deu ao vencedor uma bandeira — e esse costume permaneceu através dos anos, sobretudo na Inglaterra, país onde o hipismo transformou-se em tradição.

Já no reinado de Henrique* II disputavam-se, na Inglaterra, várias corridas. Tornaram-se famosas as competições de Stanford e Chester, onde o prêmio ao vencedor era uma campanha de prata, e as grandes corridas clássicas do *Jockey Club*, fundado em 1750. A partir desse ano, os termos *derby* e *sweepstake*



Segundo os princípios da equitação natural, criada por Federico Caprilli, o cavalo deve ter tōda a liberdade.

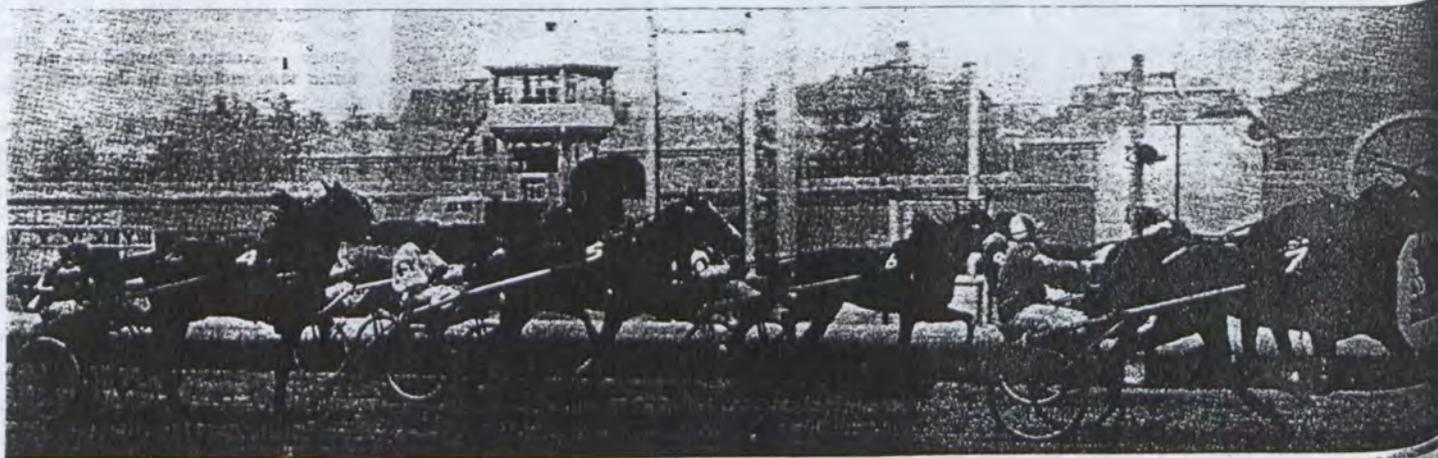
foram introduzidos no vocabulário dos aficionados, como sinônimos de esporte, fortuna, requinte e elegância.

Com a organização dessas grandes corridas, estabeleceram-se também as regras fundamentais do hipismo: determinação de idade e peso dos cavalos concorrentes, distância de cada tipo de prova e um *stud-book*, catálogo onde se assinalam o nome e a genealogia dos animais competidores.

Ao mesmo tempo, o esquema rígido da escola napolitana de Pignatelli foi se tornando mais maleável. Federico Caprilli (1868-1907), capitão da cavalaria italiana, lançou a teoria de uma equitação natural, em que o cavalo se ajusta ao cavaleiro: "O novo sistema", diz Caprilli, "ensina em pouco tempo o cavalo a responder às exigências do esporte. Por equitação natural entende-se a equitação que deixa o cavalo achar seu equilíbrio natural, com o peso do cavaleiro numa posição natural de pescoço e cabeça. A base dessa equitação é conseguir-se que o cavalo faça o que deseja, livre para usar os meios necessários para isso". Através dos ensinamentos de Caprilli, chegou-se à conclusão de que o cavalo corre bem melhor quando tem liberdade de movimentos, principalmente para esten-



O "forward seat" — o modo "avançado" de montar — é utilizado em todos os tipos de competição hip



O trote exige menos esforço do que o galope. Por esse motivo, os animais podem ser utilizados nessa modalidade esportiva durante muitos



No Brasil, o hipismo adquiriu caráter esportivo a partir do século XIX.

der o pescoço, e quando carrega o peso do cavaleiro junto à cernelha (parte do corpo do animal onde se juntam as espáduas). Surgiu assim o chamado modo "avançado" de montar (*forward seat*), utilizado em todas as competições hípicas.

Trote e galope

Todo cavalo pode ser treinado para andar a passo, a trote e a galope. Andar a passo é um tipo de deslocamento a quatro tempos, em que as patas do animal movem-se alternadamente: dianteira direita, traseira direita, dianteira esquerda, traseira esquerda. Já o trote é um modo de andar em dois tempos: as patas se movem em pares diagonais: dianteira direita e traseira esquerda; dianteira esquerda e traseira direita. O meio-galope, por outro lado, é marcha em três tempos, seguida por período de suspensão, quando as quatro patas ficam no ar. Mas, ao contrário do trote, as patas movem-se na seguinte ordem: dianteira direita, dianteira esquerda e traseira direita simultaneamente. Só depois, move-se a traseira esquerda, seguida de um período de suspensão. O galope é idêntico, mas acelerado.

Nas primeiras Olimpíadas (c. 700 a.C.), o hipismo já fora introduzido como uma das categorias competi-

doras. Mas, nos modernos Jogos Olímpicos, essa modalidade esportiva foi incluída somente a partir de 1900.

O hipismo é ainda representado pelas modalidades amadoras, em três provas: salto de obstáculos, concurso completo de equitação (subdividido em prova de adestramento, compe-

tição de velocidade e saltos de obstáculo) e prova exclusivamente de adestramento.

Provas hípicas de caráter profissional não constam das Olimpíadas, embora sejam praticadas em alguns países. Entre elas, inclui-se a corrida simples, a corrida de trote (com car-

ro), a corrida de carruagens, o *steeple-chase* (corrida de obstáculos em hipódromo) e *cross-country* (corrida de obstáculo praticada em campo aberto).

Dos curiosos esportes praticados a cavalo, destacam-se o pólo, amplamente praticado no mundo todo; a caça à raposa, tradicional passatempo de nobres ingleses, e o pato, espécie de basquetebol a cavalo, jogado com uma bola que possui argolas, muito praticado na Argentina. No Brasil, o hipismo adquiriu caráter esportivo a partir do século XIX. Surgiram então as primeiras sociedades hípicas, onde cavaleiros ligados às grandes fazendas e militares de unidades de cavalaria participavam de competições locais. O hipismo teve grande desenvolvimento sobretudo em São Paulo, Guanabara, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Brasília e Minas, com sociedades subordinadas à Confederação Brasileira de Hipismo, criada em 1943.

Em competições internacionais, o hipismo brasileiro tem conseguido alguns destaques: em 1966, o país classificou-se em primeiro lugar no Campeonato Europeu de Saltos, realizado na Suíça; e, em 1967, nos V Jogos Pan-Americanos, a equipe brasileira conquistou o Grande Prêmio das Nações (campeão pan-americano por equipe).



Na Inglaterra, o turfe é esporte tradicional: o Jockey Club data de 1750.

FAZENDA CUERAMA, SARL PECUÁRIA

CAIXA POSTAL, 1378

LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO
União Imobiliária e Comercial SARL

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO. SEGUROS, SAFARIS FOTOGRÁFICOS DE CAÇA E PESCA.

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 93 - P. O. BOX / C. P. 6534 - TELEG. «UNIMOB1» - TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-2174 UNIMOB1-AW - LUANDA - ANGOLA



DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA



Hitler

In Enciclopédia "ABRIL"

"Representei a última possibilidade para a Europa. A Europa não podia resolver-se à reforma decidida voluntariamente. Não era possível conquistá-la por meio de afagos e pela persuasão. Era preciso violentá-la para possuí-la.

"O partido nacional-socialista não se interessa senão pela felicidade alemã. Busca tão-somente a felicidade do homem alemão.

"O mal de que acusam o nacional-socialismo é ter permitido a exaltação das qualidades do povo alemão. (...) A esse ódio mortal que nos submerge, somente podemos responder com a guerra total.

"Se ganhar esta guerra, ponho fim ao poderio judaico no mundo, a ferro e a fogo. (...) O mundo inteiro nos ficará eternamente agradecido."

Assim pensava Adolf Hitler, um homem que se julgava capaz de decidir os destinos do mundo, a pretexto da superioridade racial que via em seu povo. Mas a força dessas expressões (e de todo o *Testamento Político de Hitler*) não encontrava eco na realidade: o livro foi escrito no início de 1945, pouco antes da derrota final.

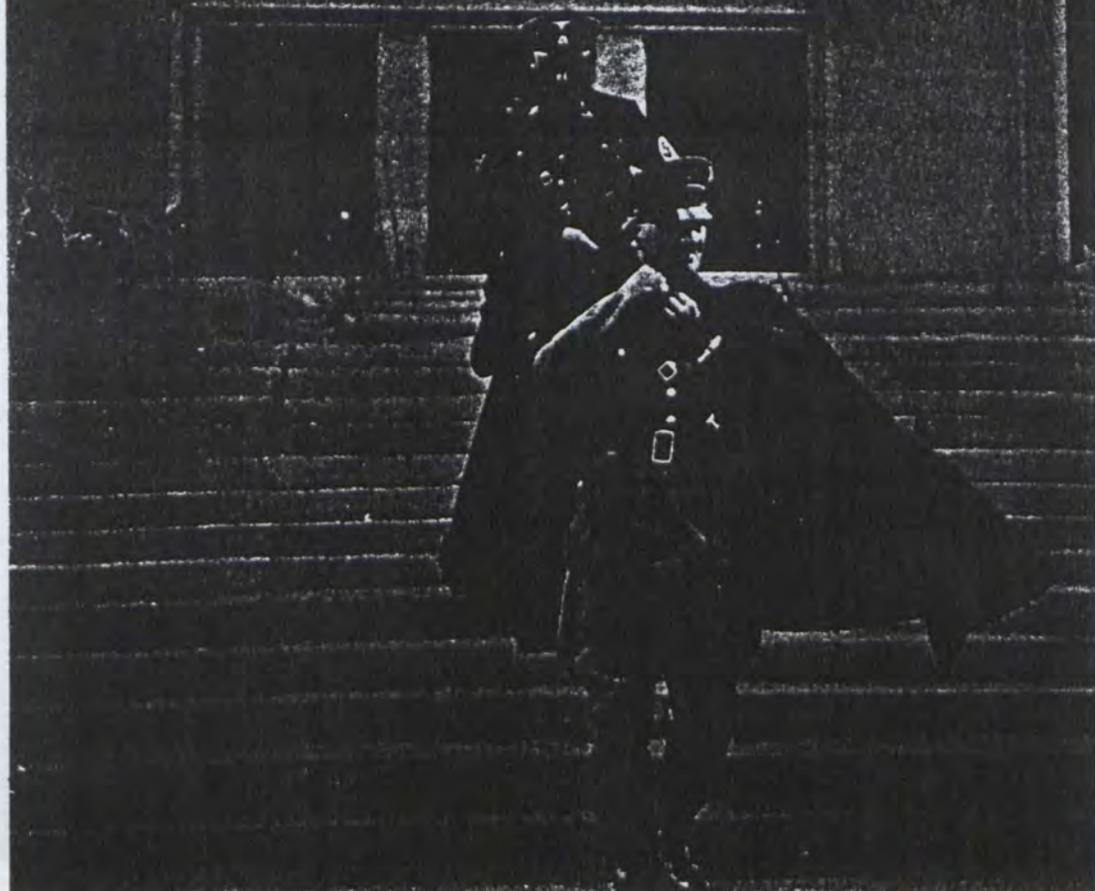
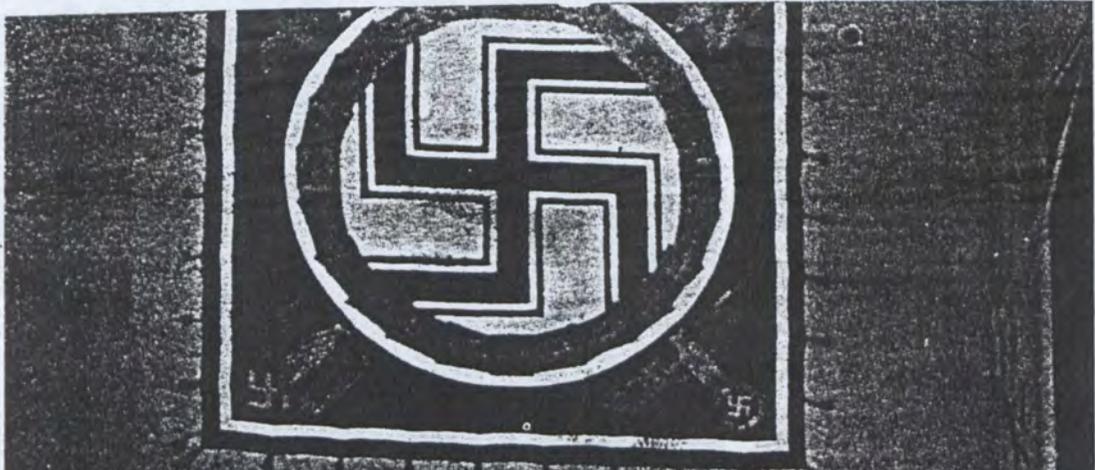
Um artista miserável

Nascido a 20 de abril de 1889, em Braunau, pequena cidade da fronteira austro-alemã, Adolf Hitler faz o curso secundário em Linz, mas, propositadamente, dedica-se pouco ao estudo. Espera com isso que o pai, empregado subalterno do serviço aduaneiro austríaco, deixe de insistir para que ele se torne também um funcionário público. Adolf quer ser pintor.

Com a morte do pai, em 1903, vai, com a irmã e a mãe, morar num subúrbio de Linz. Em 1905, Adolf tem uma doença pulmonar e abandona a escola por um ano. Depois da cura, volta a estudar. Mas por pouco tempo: decide trocar a provinciana Linz por Viena, a capital do Império Austro-Húngaro, onde poderia cursar a Academia de Belas-Artes. Reprovado duas vezes no exame de admissão, passa a viver da pintura de cartões postais e aquarelas. Isso rende muito pouco, e Adolf vê-se obrigado muitas vezes a dormir faminto em asilos noturnos. Mas não procura emprego: prefere trabalhar por conta própria, mesmo ocasionalmente, a "escorregar" para as fileiras do proletariado, segundo diria mais tarde.

Acompanha os debates do Parlamento, em Viena, como admirador do Partido Nacionalista Germânico, cujos postulados — que mais tarde os nazistas adotarão em boa parte — são o anti-semitismo, o anti-socialismo e a supremacia germânica no império multinacional da Áustria-Hungria (formado por austríacos, húngaros e vários povos eslavos, como tchecos, eslovacos, sérvios, croatas), com a união desse império ao alemão.

Observando Karl Lueger (1844-1910), burgomestre de Viena e che-



fe do Partido Social Cristão, Adolf descobre a importância da propaganda entre as massas para a conquista de adeptos. E um dos pontos básicos da propaganda desse brilhante orador é também o anti-semitismo.

Essa vivência em Viena delinea na mente do frustrado artista os princípios de sua "filosofia" política. Em 1913, ele deixa o Império Austro-Húngaro: "Repelia-me aquela mistura de tchecos, polacos, húngaros, rutenianos, sérvios, croatas e, por toda parte, esse cogumelo da humanidade... judeus e mais judeus".

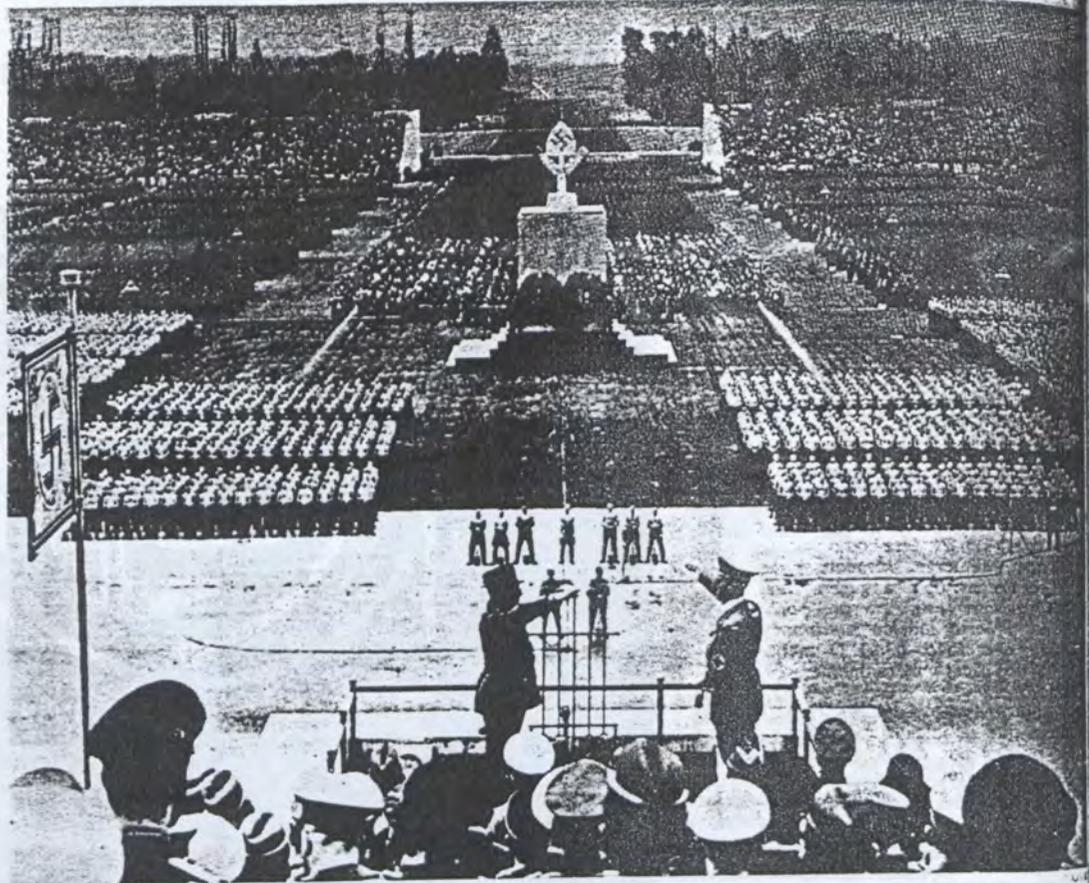
Vai para a Alemanha, instala-se em Munique, onde continua a viver sem trabalho regular. Passa a frequentar círculos anti-semitas.

Em agosto de 1914, pouco mais de um mês depois do início da Primeira Guerra Mundial, Adolf entra como voluntário num regimento da Baviera. Luta durante os quatro anos do conflito, é promovido a cabo e condecorado duas vezes com a Cruz de Ferro (de segunda classe em dezembro de 1914 e de primeira classe em agosto de 1918).

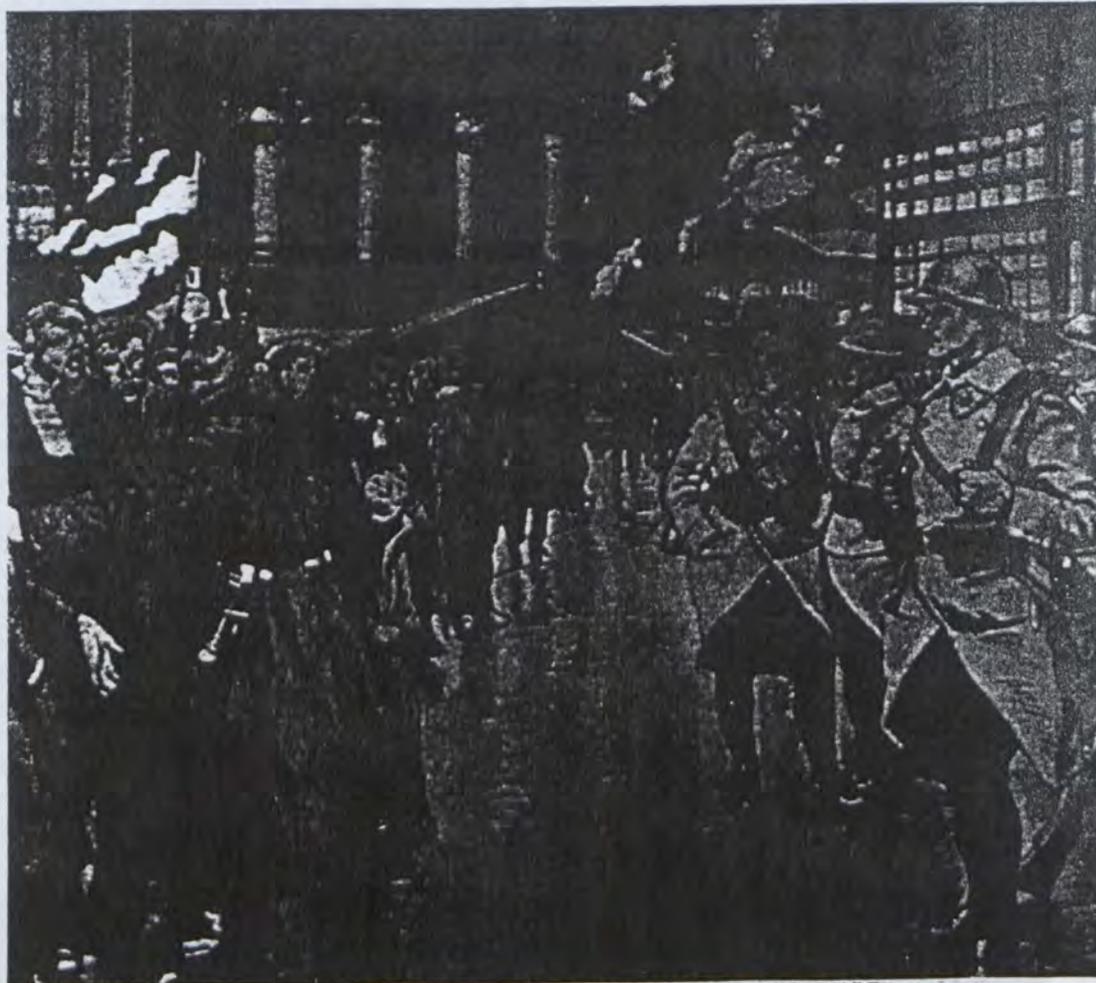
Terminada a guerra, ele está hospitalizado, curando-se da cegueira temporária causada por um gás lançado pelos britânicos na última batalha de Ypres. E no hospital que fica sabendo da derrota, e engrossa a corrente de opinião segundo a qual o Exército alemão não fora vencido no campo de batalha, mas "apunhalado pelas costas" pelos políticos.

Do Exército à política

A derrota enfraquece o governo imperial. No dia 3 de outubro de



Com oportunismo e eficientes métodos de propaganda e organização, ele criou uma liderança de tipo emocional



Ocupação do Ruhr pela França: um pretexto para Hitler tentar um golpe.

1918, os marinheiros iniciam em Kiel uma revolta que se estende rapidamente. Em toda a Alemanha, formam-se "conselhos de operários e soldados", seguindo o modelo dos soviets da revolução comunista russa do ano anterior. A 9 de novembro, o Kaiser Guilherme II (1859-1941) abdica e o social-democrata Philipp Scheidemann (1865-1939) proclama a República em Berlim.

A mudança de regime salienta as divergências entre os grupos políticos e aumenta a disputa entre eles, pelo poder. Os social-democratas, favoráveis a um combate gradual ao capitalismo*, entram em aliança com o Exército, contra a extrema esquerda (representada pelos "espartaquistas"). Hitler é encarregado pelo Exército de dar cursos de civismo para as tropas, combatendo o comunismo*.

Em 11 de janeiro de 1919, começa em Berlim uma greve geral, reprimida pelo Exército em dias que ficaram conhecidos como a "semana sangrenta" e durante os quais são mortos dois importantes líderes espartaquistas: Karl Liebknecht (1871-1919) e Rosa Luxemburgo*.

Enquanto na conferência de Versalhes os vitoriosos da guerra discutem o futuro alemão, uma assembleia nacional constituinte reúne-se em Weimar, na Alemanha Central. A 3 de julho, a assembleia vota a Constituição de Weimar, que estabelece um regime federal e parlamentar, com eleição direta para a presidência da República.

Mas, um mês antes de votar a Constituição, a assembleia aprova o tratado de Versalhes, que separava a Prússia Oriental do resto da Alemanha, pelo corredor de Dantzig, e obrigava que se entregasse às nações vitoriosas praticamente

todos os navios mercantes, equipamentos industriais e materiais ferroviários alemães, além de estabelecer um efetivo máximo para o Exército (100 000 homens).

Com a aceitação do tratado de Versalhes, a agitação nacionalista contra o governo aumenta bastante. Hitler identifica-se com as idéias fortemente nacionalistas de Anton Drexler, líder do Partido dos Trabalhadores Alemães, de Munique. Aceita o convite para entrar nesse grupo político, em 1920; é encarregado do setor de propaganda, e revela-se um eficiente orador.

A 24 de fevereiro de 1920, os chefes do partido promovem uma reunião de massa e expõem um programa de 25 pontos, que inclui: negação do tratado de Versalhes, união de todos os alemães numa "grande Alemanha", eliminação da cidadania dos judeus, proibição da participação de judeus em cargos públicos, expulsão de todos os judeus que tivessem entrado no país depois de 1914. Outros pontos expressam as reivindicações da facção de esquerda do partido (que, afinal, se apóia nos trabalhadores): abolição de toda renda que não seja ganha pelo trabalho, nacionalização dos trustes, participação estatal no lucro das grandes indústrias, socialização dos grandes estabelecimentos comerciais e seu arrendamento por preço baixo a pequenos comerciantes. A 1.º de abril, o partido recebe um novo nome: Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (*Nazi*, na abreviatura alemã).

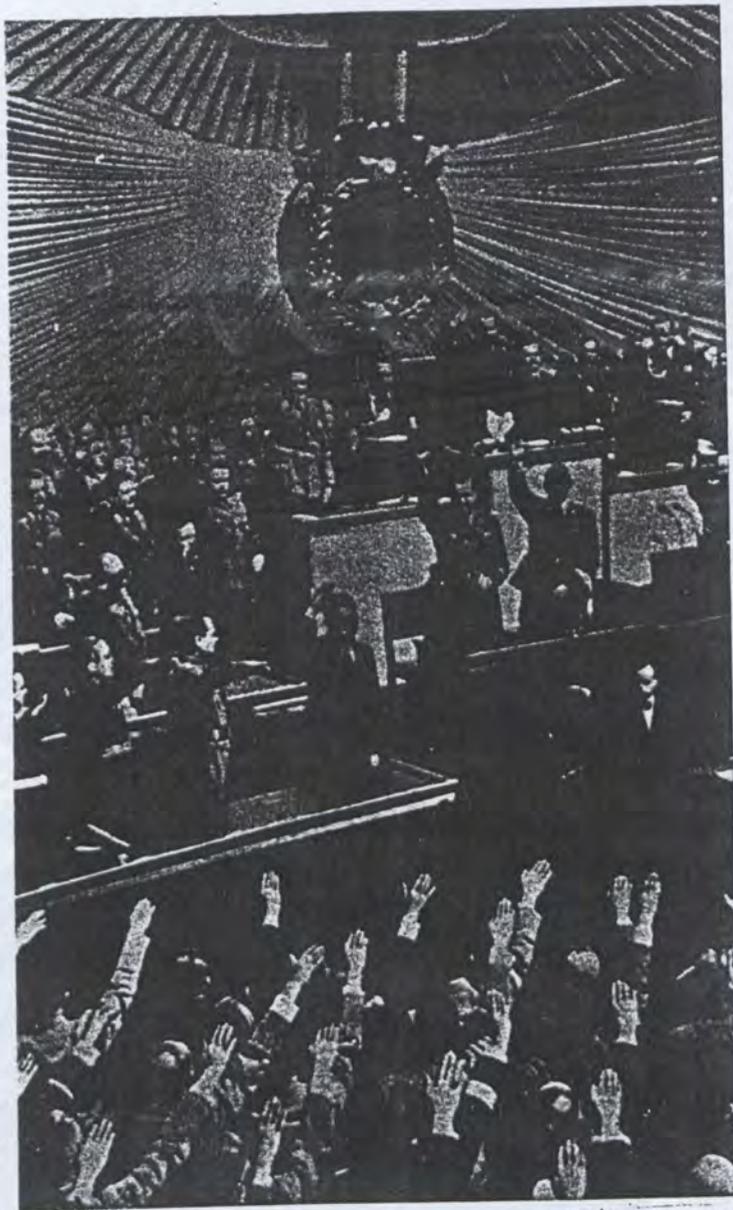
Em um ano, Hitler ganha o controle do partido, afasta Drexler e, em 29 de julho de 1921, torna-se o presidente. Em agosto, participa da organização do SA (*Sturm Abteilung* = Grupo de Assalto), organização paramilitar cuja tarefa original é manter a ordem em comícios e concentrações nazistas. A partir daí, o movimento se expande pelo sul do país e conquista adeptos importantes como Herman Goering*, Ernst Rohem (1887-1934) e Otto Strasser (1897-), que farão parte do governo nazista. Em 1923, Hitler já detém uma liderança que, além de emocional, baseia-se na capacidade de organização, numa utilização racional dos meios de comunicação de massa, em seus dons oratórios e no fascínio que consegue exercer sobre seus liderados. Mas ainda é o começo.

O terreno favorável

As más conseqüências da guerra criam uma insatisfação que se agrava em 1923, com a ocupação do Ruhr pelos franceses, em janeiro, e a desastrosa desvalorização da moeda nacional. Hitler acha que é o momento adequado para um golpe de Estado e, inspirado na "marcha sobre Roma" de Mussolini* (outubro de 1922), tenta tomar Munique para depois marchar sobre Berlim (8 a 9 de novembro de 1923). Mas o governo esmaga a manifestação de rua e, em abril de 1924, Hitler é condenado a cinco anos de prisão.

Na cadeia, ele estuda o fracasso recente e conclui que o melhor caminho é a conquista legal do poder, com base na propaganda. Aproveita os meses de prisão para ditar a seu secretário parte da obra que se tornará um manual do movimento nazista: *Mein Kampf* (*Minha Luta*).

Consegue ser libertado em dezembro do mesmo ano e vai continuar



O "Führer" informa ao Parlamento que mandara invadir a Polônia (1939)



Mussolini, Hitler e Vitor Emanuel III assistem a uma parada militar.

o livro na região sul-oriental da Baviera. Nessa época, apaixonou-se por sua jovem sobrinha Geli Raubal, com quem mantém uma ligação acentadamente neurótica. (Em 1931, depois de violenta discussão do casal, Geli pratica o suicídio.)

Paralelamente, Hitler trata de rearticular o partido, que fôra dissolvido depois do frustrado golpe. Cria a SS (*Schutzstaffel*), uma polícia interna dá organização, e, em 1926, a Juventude Hitlerista (*Hitler Jugend*). Mas, com o afluxo de capitais americanos e a estabilização do marco, devido ao plano elaborado pelo banqueiro e político norte-americano Charles G. Dawes (1865-1951), e aplicado em agosto de 1924, a Alemanha se recupera econômica-mente. E o nazismo entra em recesso.

A crise* econômica de 1929 fornece aos nazistas nova oportunidade de ascensão. Os capitais norte-americanos se retiraram, as exportações caem, há milhões de desempregados e pequenos burgueses arruinados, que voltam sua simpatia para Hitler. No mesmo ano, o partido aumenta sua força aproximando-se de grandes industriais, que passam a contar com as milícias da organização para reprimir os comunistas. O partido, que em 1928 tinha doze representantes no *Reichstag* (Parlamento), passa a ter 107 com as eleições de 1930.

No ano seguinte, Hitler se naturaliza alemão e tenta a presidência. Perde para o Marechal Paul von Beneckendorff und von Hindenburg*, que chefiara o Exército na Primeira Guerra Mundial (13 400 000 votos contra 19 300 000). Nas eleições de 1932, os nazistas elegem 230 deputados e se tornam a maior força parlamentar. Mas o *Reichstag* é dissolvido, pois os nazistas negam-se a aceitar qualquer Gabinete que não seja chefiado por Hitler, e os comunistas recusam-se a colaborar com os social-democratas. Na nova eleição, os nazistas conseguem 196 deputados, e o dilema persiste. Para não enfrentar a ameaça de um golpe de Estado articulado pelos chefes políticos dos Gabinetes anteriores, Hindenburg concorda em designar Hitler como chanceler (primeiro-ministro) em janeiro de 1933. É a chegada legal ao poder.

Ditadura e militarismo

Hitler age com grande rapidez e em seis meses consolida seu governo ditatorial. Explora o incêndio do *Reichstag*, atribuindo-o aos comunistas, para obter de Hindenburg um decreto suspendendo as liberdades fundamentais. Há outra dissolução do *Reichstag* e as eleições conseqüentes (5 de março de 1933) fazem-se num clima de violência incentivado pelas SA. Os nazistas conseguem 44% dos votos e Hitler obtém do Parlamento plenos poderes por quatro anos. Dissolve todos os outros partidos e acaba com o particularismo político alemão, designando governadores para cada Estado. Faz uma depuração política e racial nos cargos administrativos, promove o boicote aos comerciantes judeus e ainda em março abre os primeiros campos de concentração (que no ano seguinte serão dirigidos pela SS). Em abril, cria a Gestapo (*Geheime Staatspolizei* = Polícia Secreta do Estado).

As SA, tropas de assalto do partido, criam problemas com o Exército, pois pretendem tornar-se o Exército Popular Alemão, e compro-

metem a aliança de Hitler com os grandes industriais, pois representam o setor esquerdista do partido. Na noite de 30 de julho de 1934, Hitler promove o expurgo sangrento das SA, eliminando Rohem (comandante dessas forças desde 1930) e outros chefes.

Hindenburg morre a 19 de agosto de 1934 e Hitler acumula as funções de presidente e chanceler, depois de um plebiscito em que obtém 88% dos votos. O Estado hitlerista se centraliza cada vez mais, embora seja constituído da união, em torno do Führer (guia), de vários chefes com grande liberdade em sua esfera de ação. Mas a ligação pessoal de todos com Hitler garante a unidade.

As realizações econômicas do governo asseguram o apoio popular: quando, em 1933, a indústria está quase paralisada e há 6 milhões de desempregados, Hitler concede crédito aos investidores e estimula a indústria armamentista. Em 1938, o problema do desemprego está praticamente superado. A economia passa do índice 100 em 1932 a 225 em 1939. E o desenvolvimento da indústria de guerra prepara a concretização dos principais planos de política externa traçados em *Mein Kampf*: anulação do tratado de Versalhes, reunião das populações germânicas num só país através da conquista do "espaço vital" nas terras da Europa do leste, Polônia, Ucrânia e Rússia.

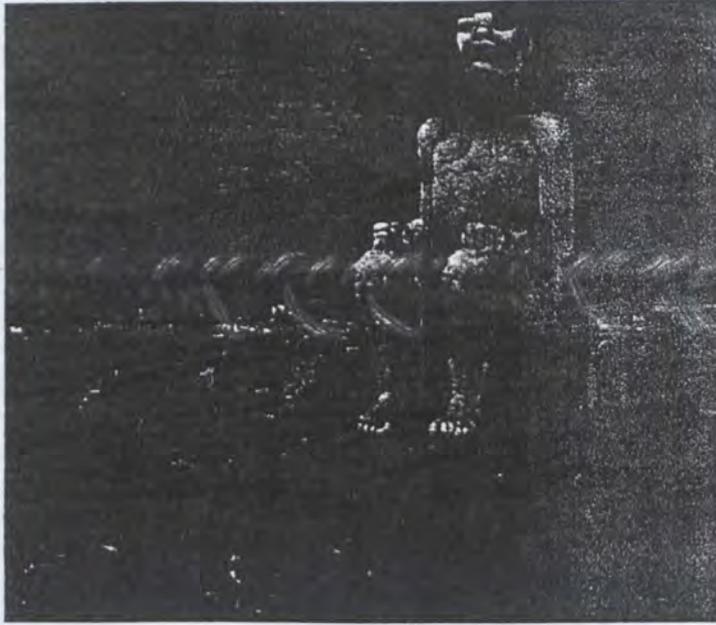
Em 1935, Hitler restabelece o serviço militar obrigatório. A 17 de março de 1936, o Exército ocupa a Renânia e, em setembro de 1938 (com Hitler como comandante supremo das Forças Armadas), a Áustria.

A conferência de Munique (29 e 30 de setembro de 1938), da qual participam França, Grã-Bretanha, Itália e Alemanha, permite que Hitler anexe um quarto do território da Tchecoslováquia, onde vivem alemães. Em abril de 1939, anexa a Boêmia, a Morávia e Memel. Nesse mês, reivindica territórios alemães da Polônia. Depois de reforçar a aliança com a Itália de Mussolini (feita em 1936) e assinar um pacto de neutralidade com Stalin* (23 de agosto de 1939), Hitler sente-se seguro para invadir a Polônia, certo de que as potências mundiais, mais uma vez, nada farão ante um fato consumado. Mas, com a invasão da Polônia, a 1.º de setembro de 1939, Hitler desencadeia a Segunda* Guerra Mundial. É o começo do fim.

O fim da aventura

As forças hitleristas dominam a França a partir de junho de 1940 e atacam a Inglaterra, esperando forçá-la a um acordo de paz. Na Rússia, o ditador, dominado pela própria imagem propagandística, recusa-se a ordenar em tempo a retirada ("O Exército alemão jamais recua") e perde a decisiva batalha de Stalingrado (2 de fevereiro de 1943). Também enfrenta adversários internos, que, a 20 de julho de 1944, colocam uma bomba numa sala de conferências. O Führer é apenas ligeiramente ferido e faz um expurgo no alto comando, na administração e nos meios diplomáticos.

Em novembro de 1944, com o avanço dos aliados, Hitler dirige, de um subterrâneo em Berlim, os últimos combates. Vendo-se perdido, ordena destruições maciças no próprio país. No fim, tem a seu lado apenas Joseph Paul Goebbels*, Mar-



Ele queria "construir" a Europa. ("O Estado Hitleriano", Magnus Zeller.)

tin Borman (1900-1945?) e a companheira Eva Braun (1912-1945).

Entre uma ordem e outra, dita a Borman algumas notas, que seriam publicadas mais tarde sob o nome

de *Testamento Político de Hitler*. É uma tentativa de explicar a derrota iminente, acompanhada de um incentivo à retomada futura da luta pelos alemães. Nessas notas, êle diz



Um paranóico e seu anti-semitismo em "Cultura Nazista", de Diego Rivera

que não esperava enfrentar os Estados Unidos nem a Inglaterra, e foi esse confronto aos judeus:

"O acaso da história quis, enquanto eu tomava o poder na Alemanha, Roosevelt, escolhido pelos judeus, assumisse o governo dos Estados Unidos.

"Em princípio de 1941, a Grã-Bretanha teria podido (...) retirar-se da luta e celebrar a paz branca com a Alemanha. (...) Quando Churchill se negou a celebrar comigo um entendimento, arrastou o país (deixando a política de suicídio. (...) Eu tinha estimado muito mal o poder da dominação dos judeus sobre os ingleses de Churchill. (...) A Inglaterra tradicional teria ajustado a paz. (...) A Alemanha, por fim com a retaguarda bem garantida, poderia lançar-se à realização de sua principal tarefa, a meta da minha vida e a razão de ser do nacional-socialismo: o aniquilamento do bolchevismo. Daí resultaria, como consequência, a conquista de grandes espaços a leste, que deveriam assegurar o futuro do povo alemão".

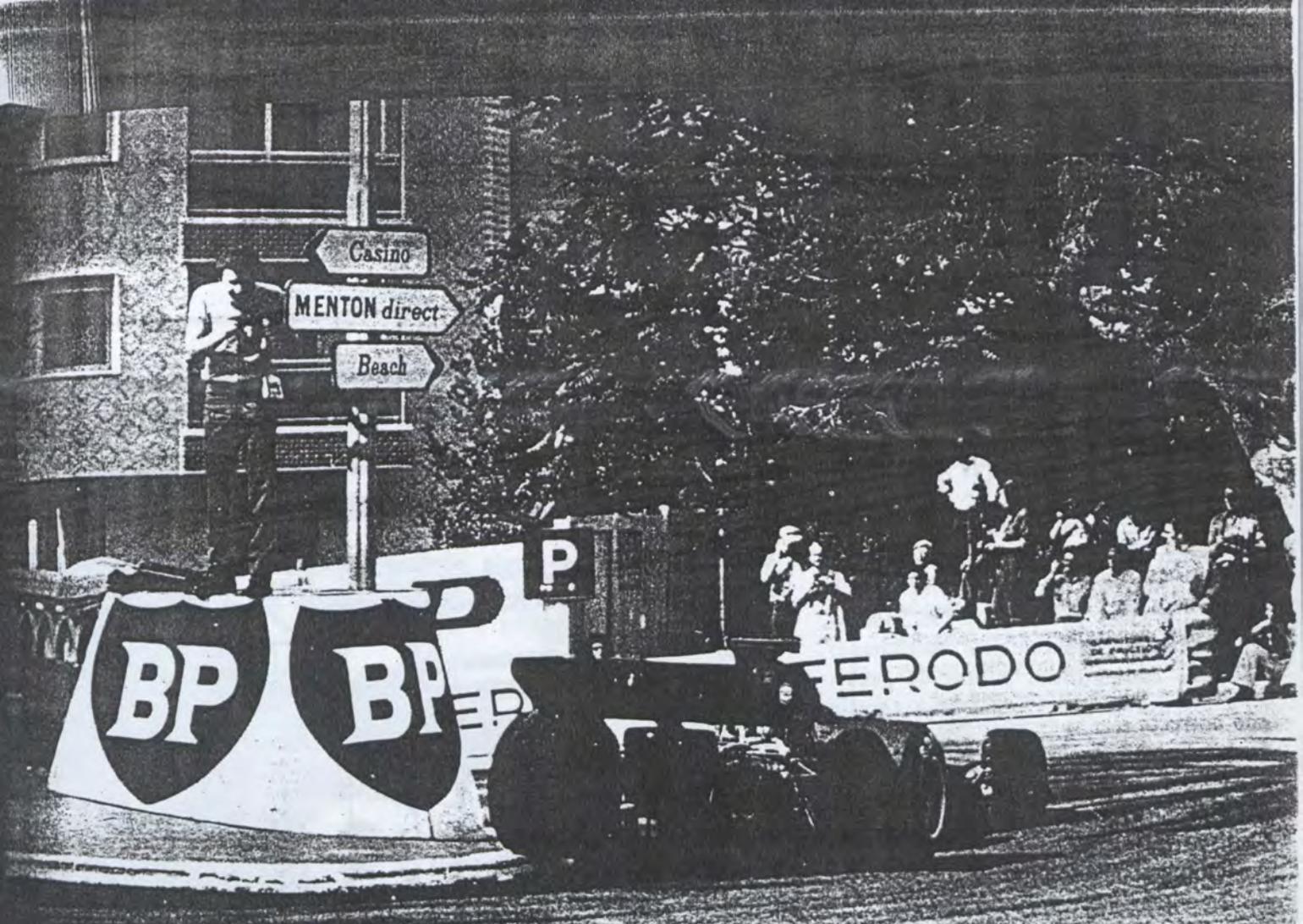
"Seu ódio aos judeus servia também de argumentação para explicar o marxismo*: "O judeu mardoqueu Marx, como bom judeu, esperava Messias. Transpôs o Messias para o materialismo histórico. (...) Com um truque desses dominam-se os homens!"

Os franceses o desorientavam: "França é velha rameira que não deu nunca de nos enganar, de fazer nos burlas e chantagens". Os italianos o decepionavam: "O maior serviço que a Itália poderia ter prestado seria manter-se afastada do conflito". E conclui: "Penso que a guerra estabeleceu pelo menos a cadência irremediável dos países latinos".

Nos últimos momentos, já via a derrota mais perto: "A vida não pode nunca a fraqueza. (...) Se não vermos de ser vencidos nesta guerra não será possível considerar para nós senão derrota total. (...) Quanto mais sofreremos, mais resplandecente será a ressurreição da Alemanha eterna. (...) Todavia, pessoalmente, não suportarei nesta Alemanha de transição que se cederá ao nosso Terceiro Reich."*

A 30 de abril de 1945, com as tropas dos aliados já em Berlim, Hitler teria praticado o suicídio. Junto com seu marido (havia se casado um dia antes) morre Eva Braun.

Uma de suas últimas notas revelada junto aos ódios irracionais de um mente doentia, e ao fanatismo que usara como arma e pelo qual tornara envolvido, uma inteligência que raramente lhe foi negada e que lhe permitiu fazer previsões em parte acertadas sobre o futuro do mundo: "Caso o Reich seja derrotado, quanto se espera a elevação dos nacionalismos asiático, africano e quem sabe, sul-americano, sómente ficariam no mundo duas potências capazes de se confrontarem eficazmente: os Estados Unidos e a Rússia Soviética. As leis da história condenam estas duas potências a se enfrentarem, ou em plano militar ou ideológico". Na conclusão, reafirma o destino da raça superior: "Uma e outra (as potências citadas) tenderão necessariamente para o desejo de seguir, em prazo mais ou menos curto, o apoio do único grande povo europeu que subsistirá depois da guerra: o povo alemão".



HABILIDADES DUM CAMPEÃO DO MUNDO. AQUI EMMERSON NO G. P. DE MÓNACO

NOVOS CARROS E PILOTOS NA FÓRMULA UM

— BALANÇO DE 1973

O automobilismo desportivo tem a sua máxima representação nos carros construídos especialmente para correrem. Nos Fórmulas. E entre estes a cúpula acontece com a Fórmula 1. Aí, portanto, o local aonde se podem encontrar os maiores nomes da competição automóvel. Óbvio se torna que o vencedor do Campeonato de Fórmula 1 seja consagrado como o mais rápido piloto do mundo.

Com a prova disputada, dominado passado, nos Estados Unidos

acaba mais um campeonato de Grand Prix. Jackie Stewart, confirmando a classe de um grande piloto e a sua predilecção pelos anos ímpares, volta a qualificar-se Campeão do Mundo. Título que anos Monza (Grande Prémio de Itália) já virtualmente lhe pertencia. No interregno que se apresenta muitas novidades vão concerteza surgir. Respeitantes a pilotos que mudam de marcas, as marcas que alteram os seus sponsors (arquivos financeiros) e, até, a verdadeiras mutações

no capítulo das mecânicas. Poderá, talvez, considerar-se a época que agora findou como uma época de transição. Em 1974 haverá pistas que serão vetadas, além das já conhecidas alterações da estrutura dos monolugares.

Este ano três novos carros vieram tomar lugar junto ao lote crescente de novas marcas. Passos incipientes foram os que até ao momento traçaram os Iso, os Shadow e o Ensign. O que não quer dizer que não se venham a tornar em casos muito

NOVOS CARROS E PILOTOS NA

sérios de competição. Os Iso estão a dever-se à combatividade de Frank Williams que não irá de certeza, ficar por aqui.

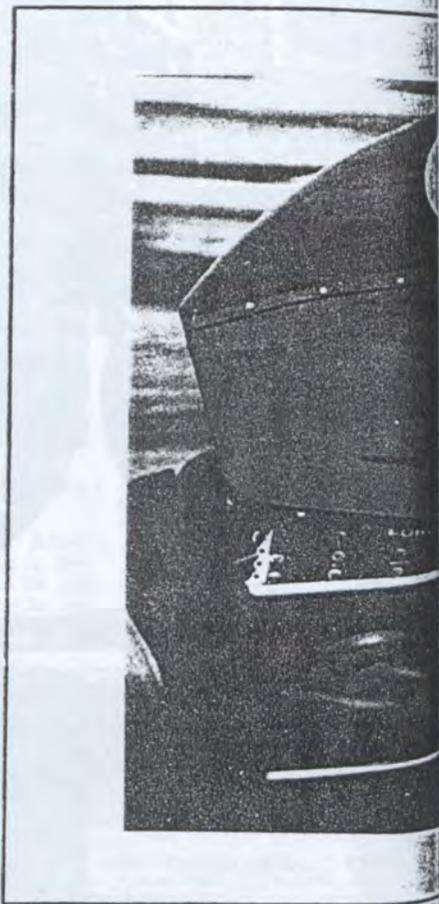
Obtido que foi o patrocínio da Marlboro (a firma que mais dinheiro gasta) terá que se esperar uma próxima temporada. De qualquer modo este novo modelo de Frank já está bem longe daqueles Marchs disfarçados de Politoys. Os Shadow, também opiramente subsidiados, não conseguiram pilotos de gabarito para se poder fazer uma apreciação correcta das suas possibilidades. Jackie Oliver, Graham Hill e George Follmer têm sido lentos. A última das novidades foi a que Von Opel permitiu que se efectivasse.

Como coisa de milionário (que o sabe e quer mostrar) resolveu correr em Fórmula 1. E a maneira mais fácil que encontrou para ter um lugar à sua disposição foi fazer com que construíssem um para ele... O Ensign! Os resultados verificados não foram, de igual modo positivos. Aguardemos 1974 para verificar se Rikki von Opel encontra outra hipótese de continuar na Fórmula maior.

Um outro carro que surgiu já no ano passado, mas que esta época se apresentou completamente renovado, foi o Tecno. A colaboração da Martini e de Chris Amon não foram suficientes para o tornar competitivo, residindo o principal defeito no chassis. Uma nova estrutura há pouco ensaiada ainda não se mostrou capaz. Acredita-se que o apoio Martini lhe venha a ser retirado.

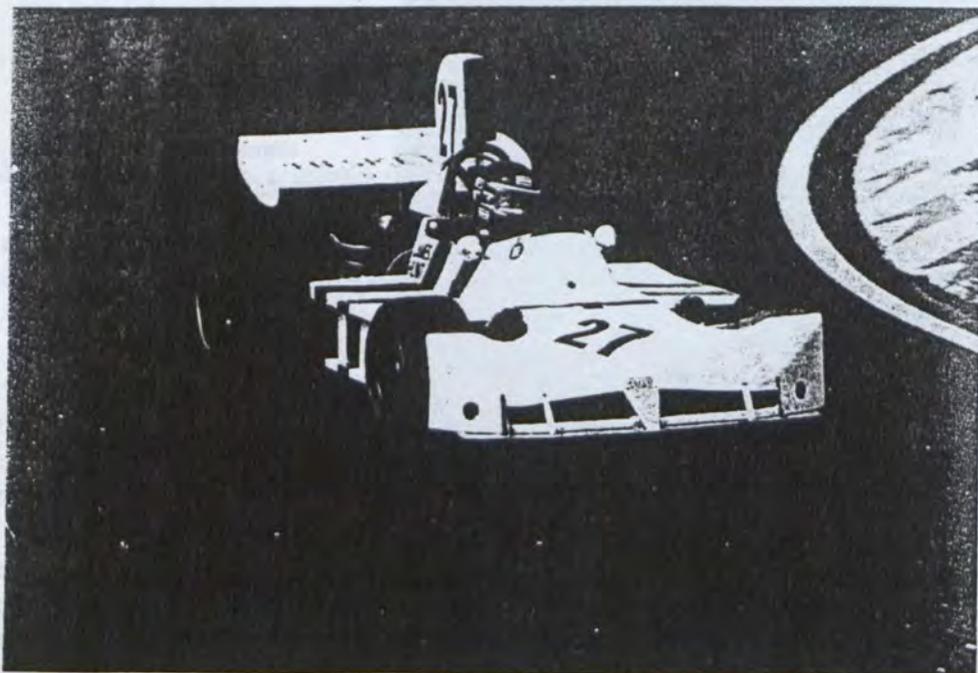
Os BRM foram os carros de motor próprio do construtor que piores resultados apresentaram. Aliás a Ferrari não se comportou muito melhor (o seu novo modelo — B3 — foi mesmo um falhanço). Mas voltemos à BRM. Os problemas de motor e caixa somaram-se aos que os pneus Firestone ocasionaram, e quase que impediam que se tomasse nota do valor dum piloto: Niki Lauda. Para 1974 fala-se na substituição dos motores próprios por motores Ford Coswort. Será mais uma chance para Beltoise que bem necessitava de repetir um êxito do ano passado: um Grande Prémio.

Como se disse a Ferrari, apesar da prestimosa presença de Ickx (ele

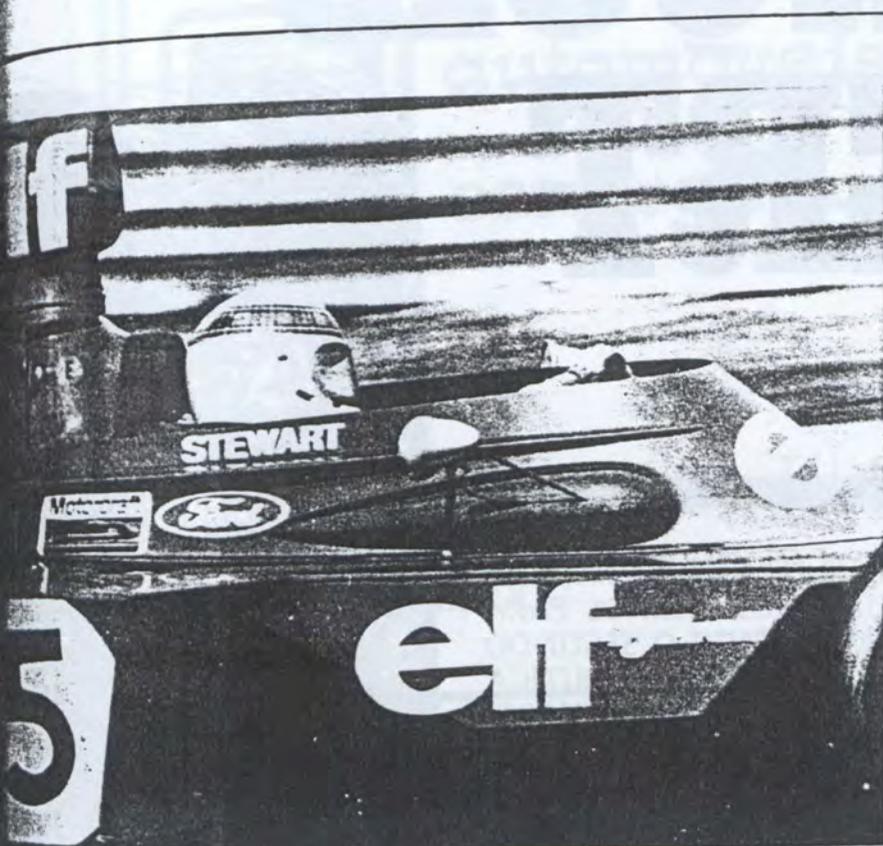


é dos pilotos que mais indicação fornece para a mise-au-point dum viatura), não conseguiu defender os seus pergaminhos. E Enzo Ferrari perdeu aquele piloto. Arturo Merzario também acaba de anunciar o seu rompimento. Para o Comendador não ficar só com gente desconhecida parece que se reataram conversações com Clay Reggazzoni, ao mesmo tempo que se faz acreditar num abandono oficial do campeonato de marcas — carros de Desporto, em consequência de terem perdido (para a Matra) o título. Por outro lado a Matra parece estar inclinada a regressar à Fórmula 1.

JAMES HUNT. FINALMENTE A CONFIRMAÇÃO COM UM EXCELENTE 2.º LUGAR LOGO A SEGUIR A PETERSON NO G. P. DOS E. U.



FORMULA UM - BALANÇO DE 1973



JACKIE STEWART.
UM SENHOR
TRI-CAMPEÃO...

A Surtess melhorou para o fim desta época, o que dá a perceber que será concorrente a contar para o ano. Carlos Pace, Mike Hailwood e Jochen Mass são nomes que devem continuar no próximo campeonato.

A Brabham talvez seja a grande revelação da temporada que se segue. Fala-se na entrada de Emerson Fittipaldi, da Marlboro e da Texaco. A confirmarem-se estas aquisições o BT 42 será carro para o primeiro lugar. Rolf Stommelen poderá ser outro piloto a considerar.

A March teve pouco aproveitamento. A corrida de James Hunt em Mônaco deu-nos a impressão de que bem conduzido o 731 G ainda pode obter classificações. Convém,

PETER REVSON FOI NO CANADÁ UM INESPERADO VENCEDOR

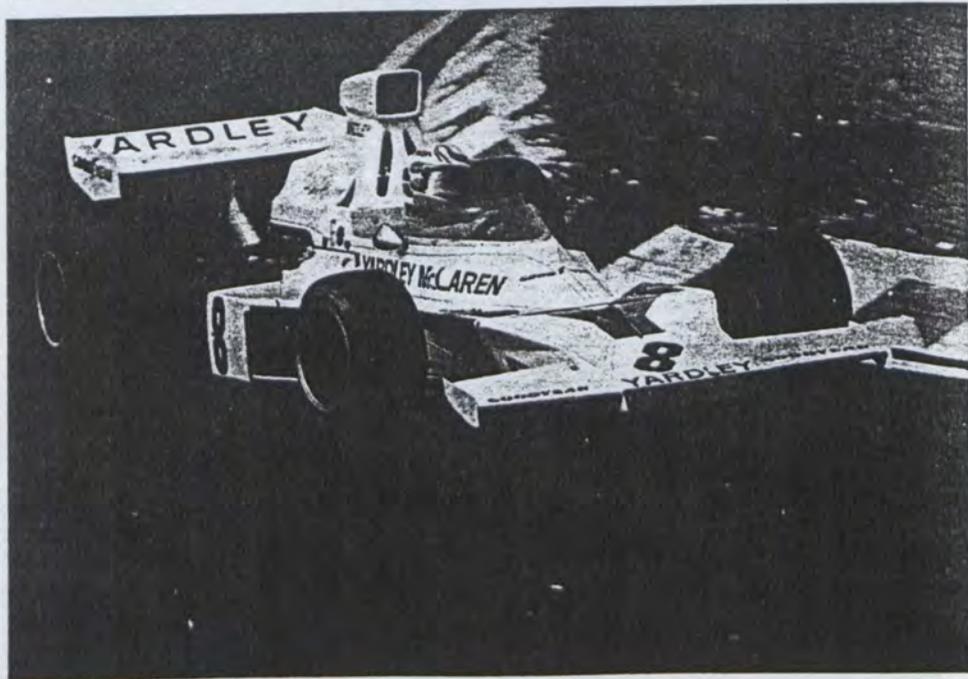
também, não esquecer o Campeão da Europa da F 2: Jarier.

A Mac Laren vai oferecer remodelações para 1974. Os sucessos deste ano serão melhorados. A entrada de Emerson Fittipaldi é comentada... Jody Scheckter é outro caso sério. Qualificado de louco por certa Imprensa, e responsável por alguns acidentes desta época, terá uma afirmação a fazer. O sul-africano irá longe. Ickx poderá ser outro dos novos pilotos.

A Lotus mostrou que os seus carros são os mais rápidos. Colin Chapman chegou a dar-se ao luxo de não tentar dar mais hipótese a Emerson de revalidar o título de campeão do Mundo (veja-se Monza) para demonstrar que quem ganha provas é a Lotus. Seja com Emerson ou com Ronnie. Morto Rindt surge Fittipaldi, deposto este logo aparece Peterson...

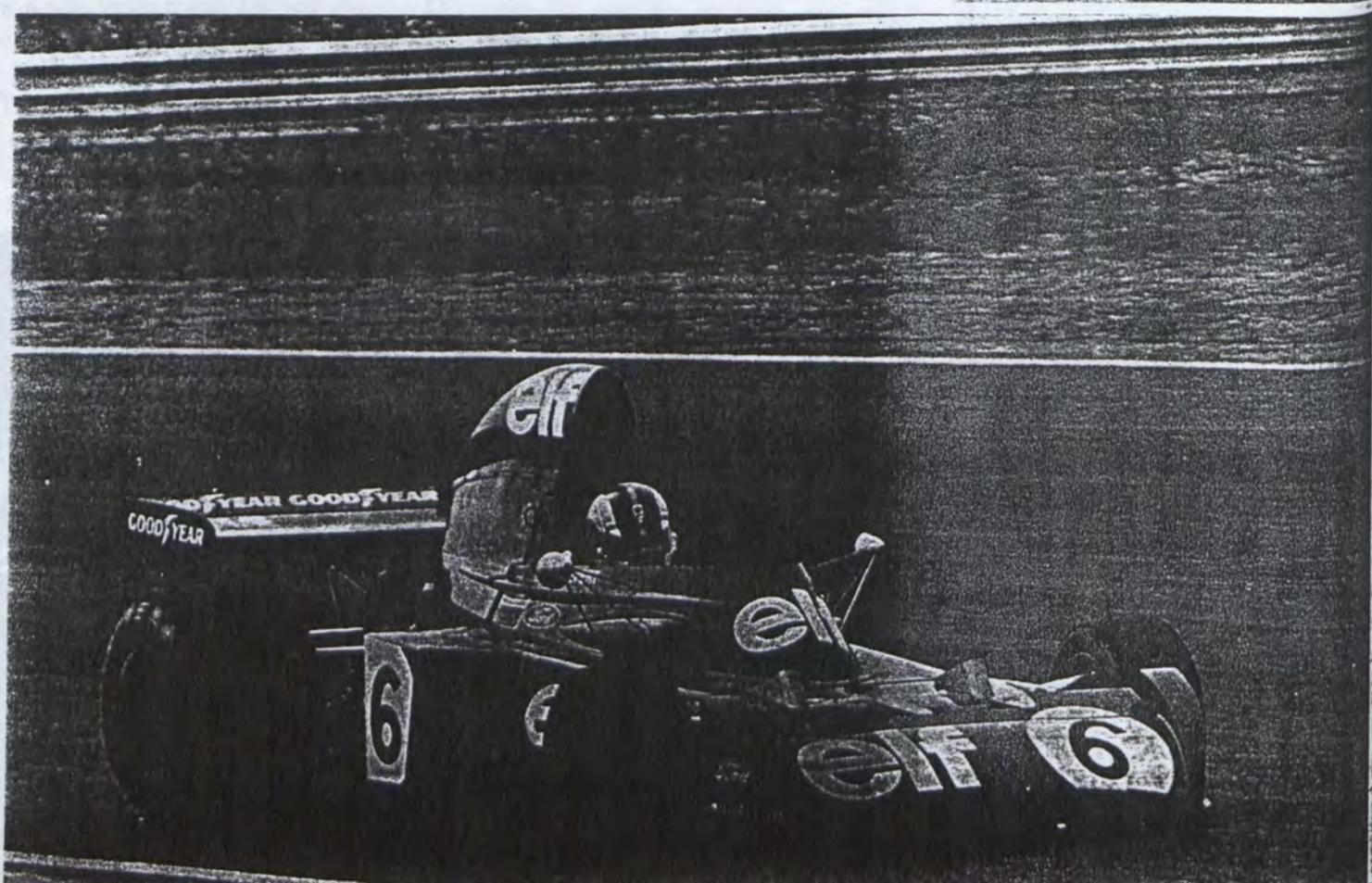
A Tyrrell deu a saber que o mais rápido piloto do Mundo ainda é Jackie Stewart... Que Cévert é um aluno disciplinado. E que Ken Tyrrell não abandona para o ano o desejo de continuar campeão.

ARTUR FERREIRA



FRANÇOIS CÉVERT

O MALGRADO FRANÇOIS CÉVERT, QUE PERDEU A VIDA NOS ESTADOS UNIDOS, QUANDO EFECTUAVA OS TREINOS PARA O ÚLTIMO G. P. DA ÉPOCA 73. PRESENTEMENTE O SEGUNDO PILOTO DA TYRRER CÉVERT ERA APONTADO PELA CRÍTICA COMO UM FUTURO CAMPEÃO DO MUNDO. SEM FRANÇOIS CÉVERT O AUTOMOBILISMO MUNDIAL FICOU MAIS POBRE





**automóveis de aluguer
sem condutor**

Largo D. Fernando, 1-2
Caixa Postal, 680

Telefones 22722 3-23312
LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.

ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA-ANGOLA

ANGOLA - ALGUNS ASPECTOS

Cap. Ovídio Rodrigues

ETNOSSOCIOLÓGICOS

DAS SUAS POPULAÇÕES

GRUPO LUNDA - QUIOCO (III)

Certas figuras do quadro social deste Grupo Étnico, impõe que se lhes faça uma análise particular, dada a importância que adquirem no seu meio. São eles que formam o organismo directivo e pensante e que congregam e subordinam os diversos elementos, com vista ao bem estar económico, político, e social do grupo em que vivem. Entre estas figuras destacaremos o soba, os velhos, o advinhador, o curandeiro, o árbitro de justiça e o feiticeiro.

Por nos parecer, ser José Redinha quem melhor trata estas figuras iremos basear este trabalho e copiar parte do texto, da sua obra «Etnossociologia do Nordeste de Angola».

O SOBA:

O soba é o chefe social e político da colectividade. Normalmente apoiado em conselheiros, é em conjunto com estes que forma o cérebro do grupo, competindo-lhes vigiar e defender a tradição, tal como foi estabelecida pelos antepassados velar pelo estatuto moral;



Pequeno grupo de dançarinos «quiocos» dançando ao som dos tambores. Esta etnia, de riqueza folclórica imensa, necessita de mais ampla divulgação. Quando veremos e ouviremos, em Luanda, as danças e a música «quioca» ao vivo.

zejar pelo culto da religião nativa. É ao soba que compete presidir ao julgamento das causas individuais e colectivas.

Não é obrigatório que o soba seja um indivíduo idoso. Porém quanto menos o for mais se apoia nos velhos. Também neste Grupo aparecem vários chefes femininos, vendo-se assim, que embora na generalidade o soba seja um elemento masculino esta não é condição obrigatória.

São eleitos conforme os costumes locais e a sua sucessão é hereditária, matrilinear, cabendo ao primogénito da irmã mais velha do chefe reinante, em virtude de a linha feminina defender a estirpe e os direitos de sangue pela evidência da maternidade.

O conceito de autoridade e chefia é baseado num princípio, que é realmente uma norma de direito social destas gentes: — Prevenir de preferência a reme-diar.

OS VELHOS

Conforme referimos anteriormente, é importante a posição política que homem de idade toma, como conselheiro, na roda dirigente do sobado. Assim, perante o autoctone, a situação de velhice é uma situação tão hontosa e considerada pela sociedade, que muitas vezes se verifica o desejo de envelhecer ou de parecer velho, mercê dos privilégios que esta condição lhes traz.

Ao velho é-lhe reconhecida e reservada a autoridade de falar. O velho fala, conta e reconta. Os novos devem ter apenas ouvidos. É verdadeiramente notável a soma de conhecimentos e a sobrecarga de nomes que a sua memória suporta. Daí ser o velho o detentor da tradição a voz da história, o seu natural arquivista e daí a sua importante função cultural que desempenha, difundindo em palestras e narrações tudo aquilo que no decurso da sua vida viu, ouviu e aprendeu.

O velho, tem, finalmente, uma função metafísica: Encontrando-se mais avançado no caminho da vida, encontra-se também mais próximo da morte. Nestas condições alia em si o conhecimento do que viveu, e a inspiração supraterrena que já lhe provém do pouco que lhe resta para viver. Pode, por isso, falar aos vivos em nome dos mortos, e comunicar com os mortos em nome dos vivos.

O ADIVINHADOR

Numa sociedade em que a vida sobrenatural ocupa um papel de especial relevância, está reservado ao adivinhador um lugar de destaque. O indivíduo atônito perante os fenómenos que os transcendem, recorre frequentemente ao adivinhador. Ele entende que acção do adivinhador começa onde a natural possibilidade humana termina. O adivinhador é um recurso supremo e em alguns casos a derradeira esperança. Só ele será capaz de «explicar» o inexplicável.

A natureza do malefício, a significação dos sonhos, a origem da doença, a causa da morte, o nome dos ladrões e dos magistas criminosos, o poiso dos espíritos errantes e maus, a paternidade, são por ele «reveladas». Interpreta o pensamento e as razões da cólera dos espíritos e dos defuntos e elucida os vivos, qual a forma de os apaziguar.

É normalmente inteligente, hábil e astuto observador e bem intencionado e dispõe de agentes informativos que o auxiliam nas manobras necessárias à garantia da sua clarividência.

O processo mais comum de adivinhação é o do emprego de uma bandeja com muitas dezenas de pequenas peças de madeira, de fibra, dentes, ossos, cocos, seixos, pedaços de metais diversos, etc., que são jogados num movimento, e depois observados e interpretados pela evidência que tomam e pela relação de proximidade com os restantes.

O CURANDEIRO

Os nativos entendem que os males não são apenas orgânicos, mas antes uma consequência completa de natureza físico-espiritual. Entendem por isso, que não é possível debelar o mal apenas com remédios. É necessário força, poder rito e toda uma acção sugestiva capaz de curar o corpo e a alma.

O curandeiro tem que ser por isso, médico e magista ao mesmo tempo. Os seus remédios são sempre acompanhados de recitativos, pintura do corpo, danças exortações, algumas vezes por cânticos da assistência, tudo isto envolvido pelo rufe dos tambores. Estes aspectos são o grande responsável pela atitude dos nativos perante a medicina dos brancos e o seu receio de baixarem aos hospitais. Temem ainda morrer em hospitais porque sem as manifestações religiosas tradicionais a sua alma perde-se, ou torna-se errante.

O FEITICEIRO

O feiticeiro é o personagem central da magia. Constitui um temor para os bons mas é, acima de tudo o terror dos mal intencionados. Ampara os desprotegidos, castiga a venalidade vigia a moral e disciplina o agir humano nas sociedades que o acreditam.

A acção do feiticeiro e das feiticeiras é muito variada e o seu campo muito extenso.

No campo Lunda - Quioco, o instrumento de feitiçaria mais temido é a estatueta mágica. Esta pequena figura, masculina ou feminina, guarda em pequenas cavidades abertas na cabeça e no peito, com vista a dotá-las de vontade e sentimentos, partículas dum corpo de defunto, normalmente do cadáver de um indivíduo que tenha morrido ressentido com a sociedade, por se admitir que reserve um espírito de desaponto para com os homens.

Esta imagem, por possuir «sentimentos» será capaz de actuar à distância e atingir o alvo humano causando-lhe a morte.

Os nativos também acreditam que os feiticeiros põem ao seu serviço as forças de diversos fenómenos naturais. Neste caso, é muito temido o feitiço do raio, que consiste em desviar o raio sobre uma pessoa escondida. O feiticeiro com a sua magia será capaz de resolver problemas de ordem agressiva, defensiva, económica, pública, privada, médica ou curativa, repulsiva, atractiva e religiosa. Constitui por isso um temor por lhe recearem os seus efeitos mas ao mesmo tempo, a sua acção disciplina, em grande parte, a vida social deste grupo, precisamente para evitarem criar uma situação que os possa pôr sob a acção do feiticeiro.

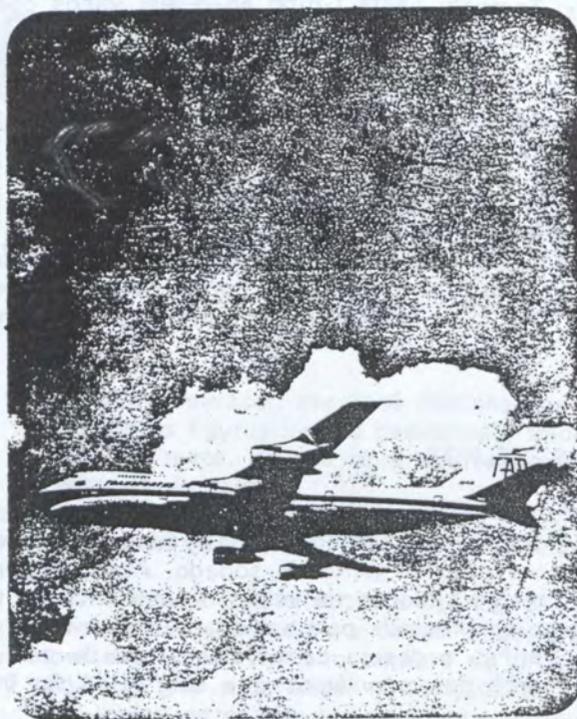
O feiticeiro será talvez a imagem etnográfica africana mais generalizado dada a evidência que lhe foi dada pelos povos da civilização mais evoluída.

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



COLÉGIO MIRAMAR

DIGNIDADE NO ENSINO

APENAS EM 3 MESES PODE DAR NOVAS POSSIBILIDADES
À SUA VIDA. QUER ESTEJA AINDA NA VIDA MILITAR
OU JÁ A TENHA TERMINADO, VISITE-NOS.

DEPOIS **ENTEN**DERÁ PORQUÊ!

Rua Companhia de Jesus, N.º 20
Bairro Miramar — Telef. 81842

O TEATRO EXPERIMENTAL
DE CASCAIS
JÁ APRESENTOU EM LUANDA



«D. Quixote», de Yves Jamiaque



«O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato



«Fuenteovejuna», de Lope de Vega

E TEM PARA APRESENTAR:

- «FEDRA», de Racine
«Breve Sumário da História de Deus», de
Gil Vicente
«Ivone princesa de Borgonha», de Grombo-
wicz
«Oração» e «Os dois verdugos», de Arrabal

As encenações são todas da responsabilidade do maior nome do teatro português actual: Carlos Avilez.

«VECTOR» POESIA ANGOLANA

O Grupo Literário Vector de Nova Lisboa vai crescendo e, neste terceiro volume de cadernos de poesia, são já dez os poetas agrupados.

O relevo com que reaparecem não é o mesmo, mas todos eles marcam uma posição cultural que aumenta de número para número.

António Bellini Jara que terá sido o grande pioneiro deste notável movimento literário, impõe-se neste volume com setenta e cinco e quarenta páginas que o constituem. Mas esta imposição valoriza o grupo com um estudo sério «sobre a poesia e a sua leitura», em que qualquer leigo na matéria pode encontrar os preceitos indispensáveis à verdadeira interpretação poética.

Para este precioso trabalho foram consultadas cerca de uma centena das melhores obras do género, nacionais e estrangeiras que documentam bem a seriedade com que o médico António Bellini Jara concebeu e realizou tão oportuno estudo. Além de Bellini Jara estão reunidos neste volume «Vector» Alberto de Oliveira, Artur Queiroz, Carlos Alberto Carvalho Jordão, Cochat Osório, David Mestre, Fernando Ferreira de Loanda, João Abel Martins das Neves, Jorge Huet de Bacelar e José Fialho.

Destes dois últimos poetas e de Bellini Jara já tivemos ocasião de falar, aquando do aparecimento dos dois primeiros cadernos de poesia, tecendo-lhes os louros devidos. De Alberto de Oliveira e Artur Queiroz (este natural de Chaves) diremos apenas que a amostra não é má. É preciso vincar a posição sem timidez, porque os homens ainda sabem aceitar os poetas, quando os poetas são sinceros na maneira de servir a arte. Há boas promessas nestes dois artistas. Que saibam realizá-las.

As credenciais de Carlos Jordão, Cochat Osório, Fernando de Loanda e Martins das Neves, são mais conhecidas e a sua aclamação é por isso mais fácil. O público conhece os poetas pela experiência que revelaram e este reaparecimento apenas serve para confirmar a sua validade, como elementos grupais que no meio angolano muito podem fazer, a bem da arte que cultivam.

David Mestre que conhecemos mais de perto, por termos assistido à sua consagração, merece-nos uma palavra de sincero aplauso, pela integração num grupo tão qualificado. Deste jovem poeta cujas credenciais artísticas são adultas, aprez-nos dizer que a sua poesia é do melhor que hodiernamente se escreve, não só em Angola como em todo o espaço português. Não é a mais representativa esta poemática que «Vector» lhe publica. Talvez esta o identifique na hora presente, a hora celular que para ele é um martírio constante. Ninguém aceita com a coragem necessária uma situação celular. David Mestre que é soldado ao serviço de Angola teve de enfrentar uma atitude social, menos condizente com a posição de poeta. Daí o pessimismo que esta sua poesia reflecte. Uma poesia que é sua, na forma, na concepção. Mas não é esta a sua melhor poesia. David Mestre é mais poeta. É poeta de temática mais nobre, mais sublime.

E só por isso lhe endereçamos este reparo. Um reparo que visa o encorajamento do homem para uma criação artística que o prende. E aí teremos o verdadeiro David Mestre.

Por mais este notável documento que o Grupo Literário «Vector» produziu, reagindo pela terceira vez ao indiferentismo cultural do meio angolano, aqui rendemos as nossas homenagens aos antologiadados, responsáveis por uma atitude social que os dignifica, dignificando a Terra que povoam.

A tarefa de promoção é nobilitante, embora difícil. Até neste sector se evoca a união para que resulte numa verdadeira força. Sem ela a stera será trabalhosa, quase impossível de cultivar.

Esta terceira amostragem a que preside António Bellini Jara enche-nos de esperanças e a todos aqueles que um dia conhecemos Angola, deseja de promoção sócio-cultural. O esforço de poucos tem de ser árduo. Mas quando o homem quer e qualidades não lhe faltam os objectivos atingem-se e os frutos colhem-se, com sabor comum.

Que o grupo «Vector» cresça ainda mais e seja a verdadeira força cultural que Angola merece e que ao Ultramar Português tanta falta faz.

BARROSO DA FONTE

Hipnose

In Enciclopédia
"ABRIL"



Jean Martin Charcot, o "pai da neurologia", estudou a hipnose e suas possíveis aplicações no campo médico.

obedecer ordens. Mas, na realidade, toda sugestão é essencialmente auto-sugestão e todo estado hipnótico uma auto-hipnose. O hipnotizado opera apenas como desencadeado desse processo.

A pessoa em transe hipnótico parece comportar-se como sonâmbulo. Mas, quando recebe ordens daquele que induziu o transe, responde como se elas viessem de seus próprios centros cerebrais superiores. Assim sendo, pode relutar em aceitar (ou mesmo recusar) ordens que entrem em flagrante conflito com seus preceitos morais.

De modo geral, a força da sugestão é inferior à pressão exercida por um conjunto de padrões éticos. Quando, porém, o hipnotizador apresenta-se como elemento condicionalmente eficiente, estabelece-se entre ele e o hipnotizado um estado de sintonia psicológica, tecnicamente denominado *rapport* (relação). Conforme a intensidade desse *rapport* — que depende não só das personalidades do hipnotizador e do hipnotizado, como também do número de sessões realizadas —, a pessoa pode ser levada a diferentes estágios hipnóticos. O primeiro é denominado *superficial* ou *hipnoidal* ou *leve*; o segundo é o estágio *profundo*; e o terceiro, *sonâmbulo*. Acredita-se que somente 10% dos hipnotizados podem atingir o nível de transe sonâmbulo.

Os fenômenos que ocorrem na etapa hipnoidal são unicamente de ordem muscular: alterações no tônus, paralisia de grupos musculares, espasmos, contrações, tremores, movimentos automáticos.

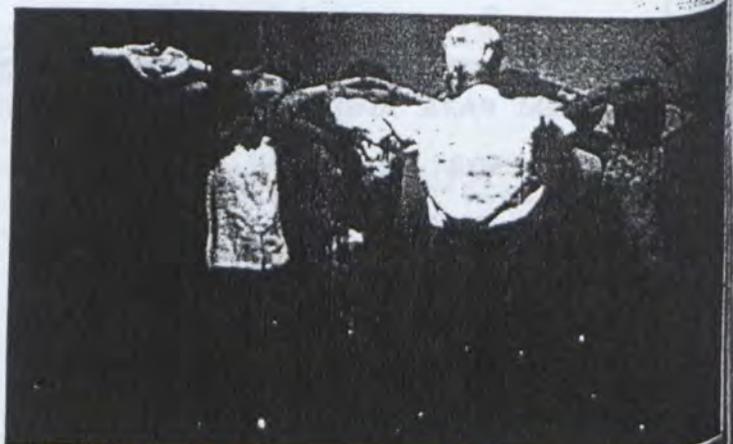
Os fenômenos sensitivos começam na etapa média: aumenta o grau de paralisiação dos músculos e nervos; aparece a parageusia (perversão do gosto), parosmia (perversão do olfato).

O estado (ou transe) hipnótico — um tipo de sono induzido por sugestão — é uma condição a que o organismo humano pode ser levado, mediante certas técnicas conhecidas genericamente pelo nome de "hipnose" (nome também usado para definir o transe hipnótico). Ele é caracterizado por uma série de fenômenos psicológicos e fisiológicos, cuja extensão depende do indivíduo e do grau de aprofundamento do transe a que ele foi conduzido.

A sugestão é o condicionante do estado hipnótico: Através dela, os centros nervosos que comandam a vida vegetativa ficam subordinados aos centros que regem a vida psíquica. Mas a medicina ainda não esclareceu perfeitamente a natureza e os mecanismos da sugestão. Sabe-se ape-

nas que é o processo pelo qual o indivíduo aceita idéias provenientes de outras pessoas (hetero-sugestão) ou de si próprio (auto-sugestão); contudo, não se possuem dados que expliquem a fisiologia do fenômeno. É certo, porém, que existe uma relação entre as áreas do cérebro que governam as faculdades psíquicas (principalmente as ligadas à emoção) com aquelas que regem fenômenos fisiológicos. O hipotálamo, por exemplo, é um órgão que serve de intermediário entre os dois tipos de função cerebral.

Sempre se acreditou que o estado hipnótico dependesse da "ação dominante" de um indivíduo sobre outro. Esse erro é alimentado pela possibilidade que o indutor do transe tem de levar o paciente hipnotizado a



Na realidade, o hipnotizador apenas induz o paciente ao sono hipnótico.



As experiências hipnóticas no campo médico têm sido bem sucedidas.



São três os estágios hipnóticos: superficial, profundo e sonambúlico.

com nova fórmula

**VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÔLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super**



Com o preço a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manômetro... Pedalito! Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão. A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados. Tação e biquesira a 5.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência. MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel a máxima protecção. MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis. Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manômetro a sua diferença.

o seu carro precisa



**Mobiloil
super**
com nova fórmula

to), alterações no tato, anestesia e amnésia. Na etapa profunda há uma diminuição considerável das inibições, processo que é acentuado durante a fase sonambúlica. Nessa última etapa, livre de grande parte de bloqueios, a memória do paciente funciona excepcionalmente: ele pode ser levado a recordar episódios que já se consideravam esquecidos.

Uma comissão formada pela Associação Médica Britânica afirmou, em 1955, estar plenamente convencida de que a hipnose pode ser realmente útil no tratamento de problemas psicossomáticos. Recomendava ainda que seu ensino entrasse no currículo de medicina, como área da cadeira de psiquiatria. Desde a publicação desse parecer, aumentaram a divulgação e o uso da hipnose nas mais diversas especialidades médicas.

A cura pela hipnose

Periódicamente aparecem trabalhos que relatam experiências bem sucedidas de aplicação da hipnose em odontologia, ginecologia e obstetrícia, gastroenterologia, dermatologia, pneumologia, oftalmologia e psiquiatria.

Em obstetrícia, as sugestões pós-hipnóticas são utilizadas principalmente durante as sessões de preparo pré-natal, para reduzir o medo, a tensão e a angústia, e no tratamento das náuseas e vômitos da gravidez, além de distúrbios nervosos da gestação, como sialorréia, depressão, palpitações, azia, insônia, irritabilidade, instabilidade emocional. Para curar algumas dermatoses como psoríase, moléstia de Reynaud, herpes labial, eczema e prurido anal também se emprega a hipnose.

As aplicações terapêuticas da hipnose relacionam-se diretamente com o grau de profundidade do estado hipnótico. Assim, em odontologia, a aplicação da hipnose em etapa média e profunda permite aliviar a tensão nervosa do paciente e mesmo obter anestesia local, sem perda de consciência. A etapa profunda é particularmente indicada em psiquiatria, pois nesse estado o paciente pode falar e responder às perguntas do médico sem abandonar o transe. Reduzidas as inibições, o indivíduo revela ao médico eventos que podem abreviar o tratamento psicoterápico. Na fase sonambúlica, o terapeuta pode induzir o paciente a regressar a determinada etapa de sua infância e, assim, tornar mais claros seus conflitos inconscientes.



CAIXA POSTAL, 156
TELEFONE, 22302
LUANDA — ANGOLA

**PRESENÇA EM TODA
A ANGOLA DURANTE
AS 24 HORAS
DE CADA DIA**

ESCUTE-NOS EM:

ONDA MÉDIA — 944 KHZ 317 m.

ONDA CURTA — 90 m 3359 KHZ - 60 m 4985 KHZ - 40 m 7215 KHZ

FREQUÊNCIA MODULADA — 97.5 MHZ

PARIS EM LUANDA

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA O HOMEM DE CLASSE...

PRODUTOS: AYER, LANVIN, REVILLON, RIVA, WIEN,
CARON, JOHNSON

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA A MULHER DE CLASSE...

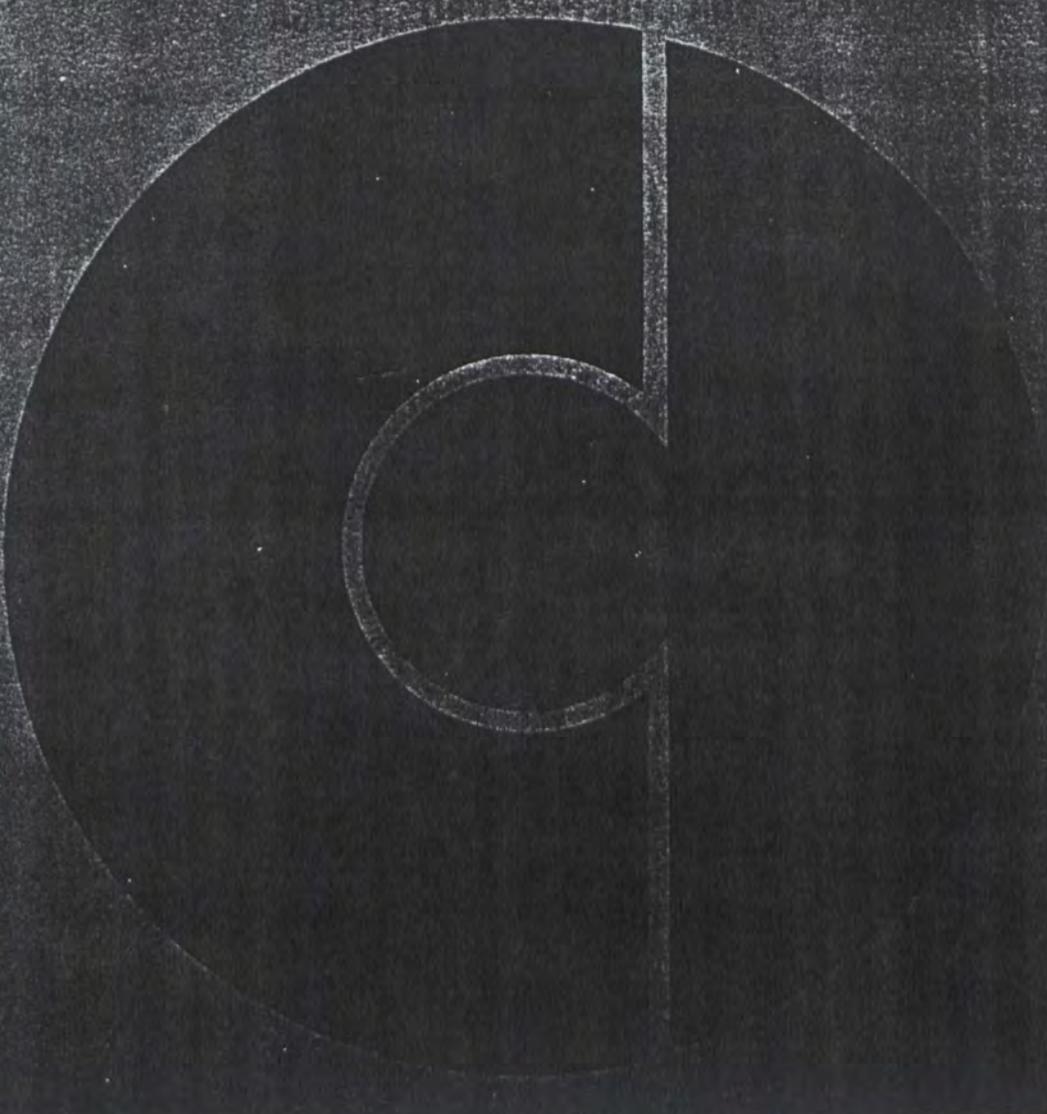
COM ESTETICISTA HARIET HUBBARD AYER

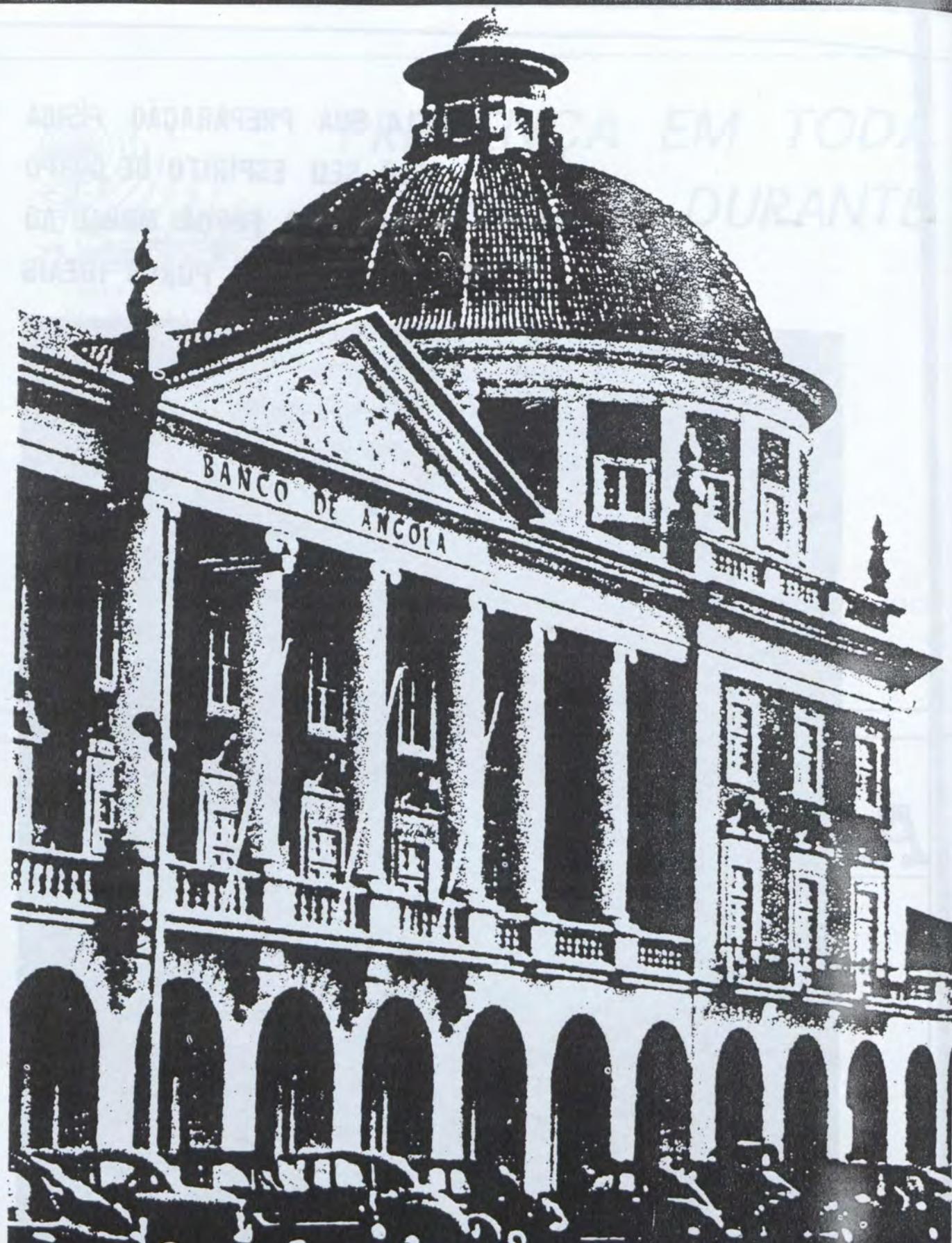
Largo Serpa Pinto, 1
(Perto do Kate-Kero)

CINEMA EM LUANDA

PELA SUA PREPARAÇÃO FÍSICA
PELO SEU ESPÍRITO DE CORPO
PELA SUA FORÇA MORAL AO
SERVIÇO DOS MAIS PUROS IDEAIS

O COMANDO **e completo**





BANCO DE ANGOLA

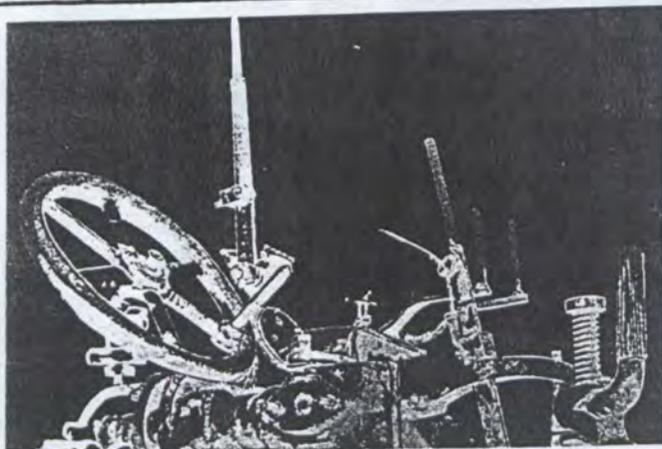


BANCO DE ANGOLA

um simbolo de progresso



Duo Mu-muhila, um cartaz do folclore angolano agora muído em evidência, quando actuava no XIII Festival da Canção de Luanda, onde apesar de terem agradado plenamente não foram premiadas



Serigrafia de Renée Gagnon, artista canadiana que vive actualmente em Luanda e cuja exposição o mês passado no salão do C. I. T. A., obteve enorme sucesso



Desenho do artista plástico angolano Carlos Barradas seleccionado para o último Salão de Arte Moderna da cidade de Luanda

CINEMA EM LUANDA

FIM DE SEMANA ALUCINANTE NO ESTÚDIO

Película estupendamente realizada por John Boorman, que lhe empresta o vigor do seu talento e a força da sua argúcia, da sua admirável magia para tirar partido de situações empolgantes como talvez outro não fosse capaz. O tema é violento. É louco e contamina a plateia de cena para cena, obrigando-a a viver intensamente cada uma das situações que se lhe apresentam. Quase, sem respirar. Sem ter tempo para adivinhar o que irá passar-se na imagem seguinte.

Boorman é suficientemente inteligente para tirar o máximo partido da intriga e dos intérpretes, dando-nos em planos habilmente explorados a máscara alucinante de homens para os quais tudo valia na hora da verdade. Um poder de observação que é um bailado permanente de câmaras às quais só falta falar.

No desempenho intervêm, com rara capacidade, John Voight, Burt Reynolds, Ned Beatty e Ronny Cox. O argumento é de James Dickey.

O MECÂNICO

NO MIRAMAR

Baseando-se numa planificação escrita intencionalmente para o cinema, o realizador inglês Michael Winner (quem roubou a coroa? «O falhado»), etc., dá-nos, neste seu primeiro trabalho em Hollywood, cabal prova do seu virtuosismo, condicionando espectáculo forte em que o nível formal supera de longe o artificialismo do assunto. «O mecânico», autêntico «thriller» a fazer recordar certas produções congêneres da década de quarenta, dirigido com ritmo trepidante e num estilo sempre ajustado, foca, com bastante originalidade, as sinistras actividades de autênticos sicários, verdadeiros «robots», actuando com precisão mecânica no assassinio das vítimas que lhe são designadas por uma organização mais ou menos secreta. Pleno de acção e estadeando todo um arsenal de técnica que vai desde a intrinsecamente cinematográfica à que se observa na meticulosa preparação de golpes, como que cientificamente executados, a despeito do seu cunho de violência, não se compraz exageradamente em cultivá-la — contrariamente ao que tantas vezes se regista...

Centralizando-se nas relações entre Bishop, «The mechanic», e do jovem discípulo, que tão bem aprendeu a lição do mestre, ambos igualmente repulsivos dada a imoralidade que os informava (a cena com a jovem é bem elucidativa a este respeito), o filme vive especialmente do impacto visual que Winner conseguiu imprimir-lhe e do esplêndido desempenho dos dois protagonistas.

Charles Bronson estadeia a sua categoria compondo admiravelmente um repulsivo e impecável assassino, muito bem secundado por Jan Michael Vincent no jovem milionário hávido de sensações fortes...

MACBETH

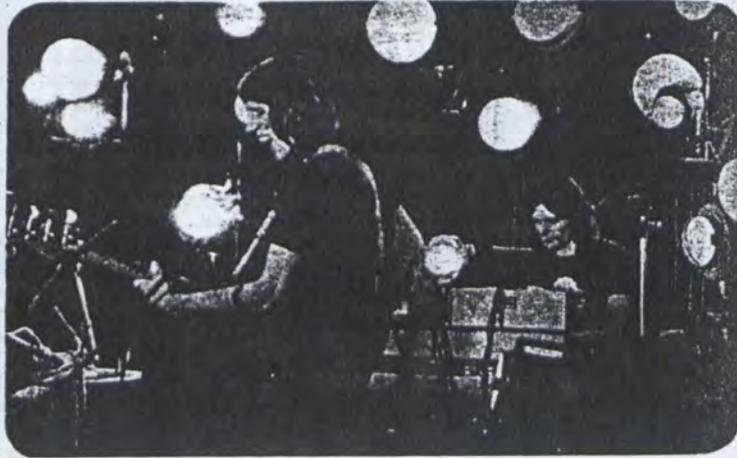
NO AVIS

«Macbeth», de William Shakespeare, parece escrito de propósito para Roman Polanski, tanto a corrupção moral dos seres e a atracção do sangue evocam a obra e a vida do realizador polaco. O filme não tem, no entanto, a modernidade estética de Welles, nem a bárbara pujança da adaptação de Kurosawa, nem a frieza eslava da curiosa (e desconhecida) fita de Andrej Wajda «Lady Macbeth da Sibéria». Trata-se, mais do que tudo, de uma ilustração visual, de uma procura de narrativa cinematográfica em que a beleza da imagem e a técnica do filme cubram o peso da palavra. A Escócia recriada pelo operador Gilbert Taylor é extraordinária, mas Kenneth Tynan, o polémico crítico inglês que ajudou Polanski a adaptar o texto shakespeariano, não manifestou grandes ousadias. Cortou frases e cenas, aqui e acolá, mudou cenários e situações, tirou até um certo carácter de intensidade humana que a peça possui. Certas trucagens e efeitos de mau gosto, mais a cabeça cortada do final, acabam por dar um tom de «Guignol» ao conjunto, mesmo que se saiba o que o sangue significa para Polanski.

Jon Finch é um Macbeth corajoso e temeroso ao mesmo tempo, saltando com facilidade do plano dos outros intérpretes que quase não chegam a representar. Esta pareceu-me uma das qualidades do filme, pois não se chega a sentir o peso da interpretação. O que existe nesta adaptação (elegante mas não inspirada) é a presença do sangue, do sangue e da fúria assassina que o gosto do poder justifica e tudo arrasta, desde o ódio à vingança, desde a justiça desumana à perturbante crueldade do medo.



O Pink Floyd existe há sete anos e já gravou nove LPs de sucesso no mundo todo.



À metade de 1966, os Beatles soltavam seu último LP, *Revolver*. Ao mesmo tempo, um pequeno clube *underground* de Londres, o *Ufo*, quase escondido em *Southampton Row*, apresentava novos grupos, mais ou menos marginalizados por não seguirem a corrente habitual do rock da época (representada pelos Beatles, pelos Stones, pelo grupo de Spencer Davis e pelos Small Faces). Entre eles, os Soft Machine (com David Allen), a Bonzo Dog Band (já desaparecida) e o então desconhecido Pink Floyd, com Syd Barrett (guitarra) como líder, mais Richard Wright (órgão, piano, violoncelo e violino), Roger Waters (baixo e piano) e Nicky Mason (bateria). Brincando

com a guitarra, Barrett descolava efeitos incríveis, criando um clima todo mágico, influenciado pelos quilos de livros de ficção científica que havia devorado na adolescência. Para as apresentações no *Ufo*, ele montava um universo especial, cheio de luzes coloridas em constante movimento, *slides* muito loucos projetados a cada segundo no fundo do palco, além de imensos refletores brilhando violentamente em volta do grupo, deixando todo mundo em êxtase total, muito perto da loucura.

Interstellar Overdrive, com quase uma hora de duração, era sempre uma das preferidas dos caras que pintavam por lá atrás de um som e que começavam a curtir o novo grupo. Até o sucesso pintar uns

grilos tiveram de ser enfrentados. Por causa de mil complicações com a polícia, o *Ufo* acabou fechando e o Pink partiu então em excursão pela Inglaterra. A acolhida nem sempre era das melhores. No começo de 1967, aquelas improvisações alucinantes ainda chocavam. Ao mesmo tempo, a BBC se recusava a tocar as primeiras gravações, *Arnold Layne* e *See Emily Play*, alegando serem uma forte alusão às drogas. As músicas, no entanto, foram sucesso em todo o país e aí as coisas começaram a melhorar. *The Piper at the Gates of Dawn*, o primeiro LP (nunca lançado no Brasil), foi o mais comentado do verão inglês (ainda hoje é considerado por muitos críticos como o melhor trabalho do grupo). Alguns meses depois, começaram a transar com cinema pela primeira vez, fazendo algumas músicas para um filme *underground* de Peter Whitehead, *Tonight Let's All Make Love in London* (onde Mick Jagger está em algumas cenas).

No início de 1968, depois de se internar numa clínica para problemas nervosos, Syd Barrett era obrigado a abandonar o conjunto. Dave Gilmour (que já tinha aparecido em algumas faixas do *Piper*) entrou em seu lugar, aparecendo então como o guitarrista do segundo LP, *A Saucerful of Secrets* (inédito por aqui).

Um ano seguinte foi o mais produtivo do Pink: gravaram um LP duplo, *Ummagumma* (também inédito no Brasil) e fizeram duas trilhas sonoras para os filmes *More* e *Zabriskie Point* (ambos proibidos pela Censura brasileira). *More* foi a primeira trilha sonora completa



E eu sou o
Roger Waters.
Toco baixo.

Rick Wright
é o meu nome.
Toco órgão,
piano, violoncelo e
violino também.

Eu sou o
Nicky Mason. Meu
negócio é bateria.

Dave Gilmour sou
eu. No Pink Floyd,
toco guitarra-solo.
Entrei no grupo só
em 1968, substituindo
Syd Barrett, que
não andava bem
da cuca.

Antes de tudo, fomos chamados para fazer toda a trilha. De repente, ele decidiu cortar uma porção de coisas e colocou Jerry Garcia e John Fahey no meio, deixando muito pouco do nosso trabalho original. Antonioni é um cara muito difícil para se transar...

No ano seguinte, foi a vez de *Atom Heart Mother* (o primeiro LP do grupo lançado aqui), que dividiu as opiniões da crítica inglesa. Alguns críticos classificaram o disco de açucarado, enquanto outros chegaram a compará-lo a Stravinsky e Debussy. De um jeito ou de outro, o disco foi falado no mundo inteiro e hoje Rick conta que *Atom Heart* não foi construído, a princípio, como uma peça orquestral.

Criamos a coisa de um jeito para ser tocada só por nós mesmos, e

gravamos assim. Mais tarde, quando Ron (Geesin, um compositor de vanguarda) e eu fizemos as partituras, resolvemos colocar um som de orquestra nas fitas originais. Ficou bom, eu acho. Mas em concertos, quando fazemos tudo ao vivo, com metais e coro, a coisa funciona muito mais. Num estúdio é impossível criar a mesma atmosfera...

- Logo em seguida ao lançamento de mais um LP, *Meddle* (o segundo que pintou aqui), onde começou a usar o sistema de som quadrafônico, o grupo entrou novamente em transas com Barbet Schroeder para a trilha de mais um filme, *The Valley*. Nasceu então o *Obscured by Clouds* (lançado aqui no mês passado), considerado pela maioria da crítica inglesa como o trabalho mais sério do grupo até então. Rick explica:

um pouco mais simples do que Ummagumma ou Atom Heart, por causa da limitação de ser uma trilha. Mas gastamos muito mais tempo do que com More. E, de uma certa forma, é um trabalho melhor também. Nossas idéias criativas estão muito mais desenvolvidas agora do que naquela época.

Depois de *Clouds*, o Pink se fechou, disposto a criar um trabalho mais sério ainda do que tudo feito até hoje e produziu *Eclipse*, uma peça para concerto apresentada nas recentes excursões pelos Estados Unidos e Europa e que acaba de ser gravada.

Tivemos de cortar dez minutos, por causa do tempo, e isso nos grilou um pouco. Mas, no fim, tudo saiu legal e a gente agora está superfeliz em estar aí com um disco dos mais incríveis,

feita pelo grupo, e tomou menos de dez dias de gravação em estúdio. O filme foi escrito e dirigido por Barbet Schroeder, um velho amigo de Roger.

Fizemos essa trilha como uma espécie de favor pessoal a Barbet. Ele nos mostrou o filme pronto, explicou o que queria e nós apenas fomos até o estúdio e fizemos.

No fim do mesmo ano começaram a trabalhar com Michelangelo Antonioni na trilha sonora de *Zabriskie Point*. Não foi um trabalho muito bom de ser feito, de acordo com Nicky

CLAVE DA SAUDADE

Embriagado, tu?!
— Tu, que fazes o romance,
Amoroso,
Da Lua conquistada;
Que vês o Firmamento,
Estrelado,
Em noite de temporal;
Que esqueces o movimento,
Rotineiro,
Da cidade fantasma;
Que recordas as feras,
Domadas,
Do círculo do circo;
Que não falas da dor,
Física,
Quando a dor te subjuga;
Que sentes o trovejar,
Violento,
De tanta metralha;
Que escreves poesia,
Trágica,
Com o fogo da tua arma...
...Tu, embriagado?!
— Só com as notas do teu violão!

CARLOS NEVES